



PREFEITURA DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO

HISTORIANDO OS MITOS CLÁSSICOS

AS MÁSCARAS DE DEUS

MITOLOGIA PRIMITIVA

POR UMA HISTÓRIA NATURAL DOS DEUSES E HERÓIS

I. OS CONTORNOS DE UMA NOVA CIÊNCIA

O estudo comparativo das mitologias do mundo nos compele a ver a história cultural da humanidade como uma unidade; pois achamos que temas como o roubo do fogo, o dilúvio, a terra dos mortos, o nascido de uma virgem e o herói ressuscitado estão presentes no mundo todo – aparecem em toda parte sob novas combinações e se repetem como os elementos de um caleidoscópio. Além do mais, enquanto nas histórias contadas para entretenimento tais temas míticos são tomados sem maior seriedade – num óbvio espírito jocoso – quando aparecem em contextos religiosos, eles são aceitos não apenas como absolutamente verídicos, mas mesmo como revelações das verdades das quais toda cultura é uma testemunha viva e de onde derivam sua autoridade espiritual. Não foi encontrada ainda nenhuma sociedade humana na qual tais motivos mitológicos não tenham sido repetidos em liturgias; interpretados por profetas, poetas, teólogos ou filósofos; representados na arte. De fato, a crônica da nossa espécie, desde sua primeira página, tem sido não apenas um relato do progresso do homem, o criador da ferramenta, mas a história da série contínua de visões iluminadas nas mentes dos profetas e a história dos esforços das comunidades terrenas para encarnar promessas divinas. Cada povo recebeu seu próprio desígnio sobrenatural, comunicado a seus heróis e provado diariamente nas vidas e experiências de seus membros. E, embora muitos que se curvam de olhos fechados nos santuários de sua própria tradição intrometem-se racionalmente e desqualificam os sacramentos de outros, uma comparação honesta revela imediatamente que todos foram criados de um único fundo de motivos mitológicos – selecionados, organizados, interpretados e ritualizados de modo diferente, de acordo com as necessidades locais, mas venerados por todos os povos da terra.

Um problema fascinante, tanto psicológico como histórico, apresenta-se então. O homem, parece, não se sustenta no universo sem a crença em algum pacto com a herança geral do mito. De onde provém a força desses temas impalpáveis, força que lhes dá o poder de inflamar populações, fazendo delas civilizações, cada uma com sua beleza e destino próprios? E por que, sempre que o homem procurou algo sólido sobre o qual fundar sua vida, escolheu não os fatos, que são abundantes no mundo, mas os mitos de uma imaginação imemorial?

As ricamente recompensadas pesquisas arqueológicas das últimas décadas; clarificações surpreendentes, simplificações e coordenações obtidas através de estudos intensivos nas esferas da filologia, etnologia, filosofia, história da arte, folclore e religião; novos insights na pesquisa psicológica e as contribuições inestimáveis à nossa ciência propiciadas pelos sábios, monges e literatos da Ásia, combinaram-se para inspirar uma nova imagem da unidade fundamental da história espiritual da humanidade.

II. O ABISMO DO PASSADO

Thomas Mann, no início do seu quarteto mitologicamente concebido, *José e Seus Irmãos*, escreveu: “Muito fundo é o abismo do passado. Não poderíamos dizê-lo sem fundo?” E então ele observou: “Quanto mais fundo mergulhamos, quanto mais descemos ao mundo do passado inquirindo-o e assediando-o, mais descobrimos que as origens da humanidade, sua história e cultura, se revelam insondáveis”.

Como Mann já alertou com relação às origens que estamos buscando “não importa a que arriscadas distâncias perseguimos nossa ascendência, ainda assim ela se afasta, sempre e mais para a profundidade”. Pois sob a primeira camada, a das primeiras civilizações – que são apenas o primeiro plano da extensão da pré-história de nossa raça – permanecem os séculos, milênios, na verdade centenas de milênios do homem primitivo; o caçador poderoso, o mais primitivo coletor de raízes e insetos que viveu há mais de meio milhão de anos. E há uma terceira camada, ainda mais profunda e escura, abaixo dessa – abaixo do último horizonte da humanidade. Pois encontraremos a dança ritual entre os pássaros, os peixes, os macacos e as abelhas. E, por isso, é preciso perguntar-se se o homem, como esses outros membros da criação, não possui nenhuma tendência inata para reagir, de maneiras raciais estritamente padronizadas, a certos sinais dados pelo seu meio ambiente e sua espécie.

Por isso, o conceito de uma ciência natural dos deuses, tem que abranger o primitivo e pré-histórico, pois as raízes da civilização são profundas.

Além do mais, uma vez que é verdadeira a afirmação de Thomas Mann de que enquanto na vida da raça humana o mítico é uma forma primária e primitiva de pensamento, cabe também considerar que ele é uma forma última e madura na vida do indivíduo.

III. O DIÁLOGO DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO

A busca de uma abordagem científica da mitologia foi dificultada até o fim do século XIX pela magnitude de seu campo e pelo caráter disperso das evidências. O conflito entre autoridades, teorias e opiniões, que se acalorou durante o curso, particularmente, do século XIX, quando os limites do conhecimento se expandiam em todas as áreas de pesquisa (saber clássico e oriental, filologia comparativa, folclore, egiptologia, crítica da Bíblia, antropolologia, etc.) provocou desencontradas leituras.

Os dois ramos do conhecimento erudito, dos quais os contornos de uma sólida ciência comparativa podem ter emergido pela primeira vez, foram os clássicos e a Bíblia. Entretanto, um princípio fundamental da tradição cristã fez parecer que era um ato de blasfêmia comparar os dois no mesmo plano conceitual; pois, enquanto os mitos dos gregos eram reconhecidos como pertencentes a uma ordem natural, os da Bíblia eram tidos como sobrenaturais. Assim, enquanto os prodígios dos heróis clássicos (Hércules, Teseu, Perseu, etc.) eram estudados como literatura, os dos hebreus (Noé, Moisés, Josué, Jesus, Pedro, etc.) tinham que ser apresentados como história factual. Contudo, os elementos fabulosos comuns às duas tradições mediterrâneas orientais, exatamente contemporâneas, provêm da precedente civilização mesopotâmica da Idade do Bronze –

algo que ninguém antes do desenvolvimento da moderna ciência da arqueologia, poderia ter suposto.

Uma terceira e, em última instância, a mais perturbadora disciplina a contribuir para o tumulto da cena, foi a ciência da filologia, que no decurso do século XIX, fundamentou teorias defendidas por estudiosos como a de que línguas estreitamente relacionadas podia ser identificada na maior parte do mundo civilizado: uma única e amplamente difundida família de idiomas que deve ter-se originado de uma única fonte. E não apenas as línguas puderam ser facilmente comparadas, mas também as civilizações e religiões, mitologias, formas literárias e modos de pensamento.

À medida que novas descobertas para a imagem do homem do século XIX foram acontecendo, os antigos horizontes se dissolveram e o centro de gravidade de todo o saber se deslocou das pequenas áreas de orgulho local para uma ampla ciência do próprio homem em seu novo e único mundo.

Vale ressaltar, através de uma relação resumida de uma série de momentos representativos, aquele século memorável de transformações espirituais e tecnológicas. Por exemplo:

1821	Jean François Champollion descobriu, a partir da Pedra de Roseta, a chave para os hieróglifos egípcios, desvendando com isso uma literatura religiosa civilizada anterior à grega e à hebraica e cerca de dois mil anos.
1833	William Ellis, com sua obra <i>Polynesian Researches</i> (Pesquisas Polinésias), revelou os mitos e costumes das ilhas do Mar do Sul.
1839	Henry Rowe Schoolcraft, com <i>Algic Researches</i> (Pesquisas sobre o Algico), ofereceu a primeira coletânea relevante dos mitos indígenas da América do Norte.
1845-50	Sir Austen Henry Layard realizou escavações nas antigas Nínive e Babilônia, revelando os tesouros da civilização mesopotâmica.
1847-65	Jacques Boucher de Crévecoeur de Perthes, com <i>Antiquités celtiques et antédiluviennes</i> (Antiguidades célticas e antediluvianas), demonstrou a existência do homem na Europa no período Plistoceno (o que quer dizer, mais de cem mil anos atrás) e, baseado em sua classificação das ferramentas de pederneira, identificou três períodos da antiga Idade da Pedra, os quais denominou: 1) “Idade do Urso da Caverna”; 2) “Idade do Mamute e dos Rinocerontes Lanosos” e 3) “Idade da Rena”
1856	Johan Karl Fuhlrott descobriu, numa caverna no leste da Alemanha, os ossos do Homem de Neandertal (<i>Homo neanderthalensis</i>), poderoso caçador das Idades do Urso da Caverna e do Mamute.
1859	Charles Darwin lançou sua grande obra, <i>A Origem das Espécies</i> .
1860-65	Edouard Lartet, no sul da França, desenterrou os restos do Homem de Cro-Magnon, pelo qual o Homem de Neandertal foi substituído na Europa durante a Idade da Rena, no final do Plistoceno.
1861	O <i>Popol Vuh</i> , um antigo texto mitológico da América Central, foi introduzido no mundo erudito pelo Abade Brasseur de Boubourg. Desta importante década de sessenta em diante, a universalidade dos temas e motivos básicos da mitologia foi geralmente aceita e se esperava que algum tipo de explicação psicológica seria encontrada. E foi assim que de dois cantos remotos do mundo erudito surgiram simultaneamente os
1868	seguintes estudos comparativos: na Filadélfia, Daniel G. Brinton, com seu <i>The</i>

	<i>Myths of the New World</i> (Os mitos do Novo Mundo), comparou as mitologias primitivas e de alto nível cultural do Velho e do Novo Mundo e em Berlim, Adolf Bastian, em <i>Das Beständige in den Menschenrassen und die Spielweite ihrer Veränderlichkeit</i> (O constante nas raças humanas e a amplitude de suas variações), aplicou o ponto de vista da psicologia e biologia comparativas aos problemas, primeiramente, das “constantes” e, depois, das “variáveis” nas mitologias da espécie humana.
1871	Edward B. Tylor, em sua obra <i>Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art, and Custom</i> (Cultura primitiva: pesquisa acerca do desenvolvimento da mitologia, filosofia, religião, língua, arte e costumes), aplicou uma explicação psicológica do conceito de “animismo” na interpretação sistemática de todo o âmbito do pensamento primitivo.
1872-85	Heinrich Schliemann, escavando em Tróia (Hissarlik) e em Micenas, sondou os níveis pré-homéricos, pré-clássicos da civilização grega.
1879	Don Marcelino de Sautuola descobriu em sua propriedade, no norte da Espanha (Altamira), a magnífica arte rupestre das Idades do Mamute e da Rena.
1890	Sir James George Frazer publicou a obra culminante de todo esse período de pesquisa antropológica, <i>O Ramo Dourado</i> .
1891-92	Na Java Central, no rio Solo, perto de Trinil, Eugène Dubois desenterrou os ossos e dentes do “Elo Perdido”, <i>Pithecanthropus erectus</i> (“o homem-macaco que anda ereto”) com capacidade cerebral entre a do gorila com o maior cérebro (cerca de 600 cm ³) e a da média do homem moderno (cerca de 1 400 cm ³).
1893	Sir Arthur Evans iniciou suas escavações em Creta.
1898	Leo Frobenius anunciou uma nova abordagem no estudo das culturas primitivas (a <i>Kulturkreislehre</i> , ou “teoria da área cultural”), onde identificou um continuum na cultura primitiva, estendendo-se da África Ocidental Equatorial em direção ao leste, através da Índia e da Indonésia, da Melanésia e da Polinésia, atravessando o Pacífico para a América Equatorial e a Costa Noroeste. Esse foi um desafio radical às velhas correntes de interpretação do “desenvolvimento paralelo” ou “psicológicas” – como as que Brinton, Bastian, Tylor e Frazer tinham representado – visto que levantava uma teoria ampla e ousada de uma primitiva “difusão” transoceânica para desembocar na questão da distribuição dos chamados temas “universais”.

Assim, as velhas disciplinas do século XVIII, que antes tinham parecido cobrir satisfatoriamente o campo do interesse humanístico, tornaram-se apenas ramos de um tema muito mais amplo. A questão primeira, anteriormente, parecia ser o sobrenatural do homem em contraposição ao seu dom meramente natural; porém, agora, com o reconhecimento da universalidade dos temas mitológicos, outrora tomados como evidência da origem divina das religiões superiores – “superando o conhecimento natural do homem”, como argumentou Santo Tomás de Aquino e, por isso, provando que “Deus está muito acima de tudo o que o homem consegue pensar sobre Ele”, e com a compreensão de que esses motivos sobrenaturais não eram peculiares a uma única tradição, mas comuns às tradições religiosas da espécie humana, as tensões entre “ortodoxo” e “gentio”, “superior” e “primitivo”, simplesmente se diluíram. E as questões mais importantes, as preocupações mais elevadas do homem eram agora: primeiro, se tais temas mitológicos como a morte e a ressurreição, o nascido de uma virgem e a criação a partir do nada deveriam ser racionalmente rejeitados como meros vestígios da

ignorância primitiva (superstições), ou, pelo contrário, interpretados como transmitindo valores que estão além da faculdade racional (símbolos transcendentais); e, segundo, se enquanto produtos das operações espontâneas da psique esses temas surgiram independentemente nos vários cantos do mundo (teorias do desenvolvimento paralelo), ou então, como invenções de determinadas épocas e pessoas, difundiram-se através das primeiras migrações ou do comércio posterior (teorias da difusão).

Poucos, no século XIX, foram competentes para enfrentar qualquer dessas questões sem preconceito ou para manejar a evidência necessária de suas análises; pois a psicologia da época simplesmente não tinha se apossado nem das informações nem das hipóteses necessárias para uma investigação da psique em profundidade.

A aplicação das novas descobertas a respeito da fenomenologia do “inconsciente” do indivíduo a uma interpretação sistemática do material etnológico teve que esperar pelo movimento do século XX, iniciado pela obra de Carl G. Jung (1875-1961), *Wandlungen und Symbole der Libido* (Transformações e símbolos da libido) (1912) e pela de Sigmund Freud (1856-1939), *Totem e Tabu* (1913). Quanto à total aplicação das leis e hipóteses da ciência do inconsciente aos campos da religião, pré-história, mitologia e folclore, literatura e história da arte, que foi um dos fatores preponderantes no desenvolvimento do pensamento do século XX, a encontramos apenas sugerida como uma possibilidade rica e promissora na ciência de então.

“O mito, como vira Thomas Mann, e com quem muitos dos psicólogos profundos concordariam, “é o princípio da vida, a ordem eterna, a fórmula sagrada para a qual a vida flui quando esta projeta suas feições para fora do inconsciente”. Mas, por outro lado, como observaria qualquer etnólogo, arqueólogo ou historiador – os mitos das diferentes civilizações variaram sensivelmente através dos séculos e dos vastos âmbitos da morada da espécie humana no mundo; a tal ponto, de fato, que a “virtude” de uma mitologia com frequência tem sido o “vício” de outra e o paraíso de uma, o inferno de outra. Além disso, com o desaparecimento dos velhos horizontes que antes separavam e protegiam os vários mundos culturais e seus panteões, um verdadeiro *Götterdämmerung* (“crepúsculo dos deuses”) lançou suas chamas através do universo. Comunidades que um dia viveram confortavelmente na consciência de sua própria divindade mitologicamente assegurada descobrem, de repente, que são diabólicas aos olhos das comunidades vizinhas. É evidente que agora se requer uma mitologia mais ampla e profunda do que todas as imaginadas em qualquer lugar no passado: algo *arcanum arcanorum* muito mais fluídico e mais sofisticado do que as visões isoladas das tradições locais. Algo onde essas próprias mitologias serão vistas apenas como as máscaras de uma mitologia maior – todos os seus resplandecentes panteões vistos apenas como as formas bruxuleantes de uma “ordem eterna”, que não é nenhuma ordem.

A PSICOLOGIA DO MITO / A LIÇÃO DA MÁSCARA

No mundo primitivo, onde temos que buscar a maioria dos indícios sobre a origem da mitologia, os deuses e demônios não são concebidos à maneira das realidades evidentes, rígidas e fixas. Um deus pode estar simultaneamente em dois ou mais lugares – como uma melodia ou sob a forma de uma máscara tradicional. E onde quer que ele surja, o impacto de sua presença é o mesmo: ele não é reduzido pela multiplicação. Além disso, a máscara em um festival primitivo é venerada e vivenciada como uma verdadeira aparição do ser mítico que ela representa – apesar de todo mundo saber que foi um homem quem fez a máscara e que é um homem que a está usando. Mas, durante o tempo do ritual do qual a máscara faz parte, aquele que a estiver usando é também identificado com o deus. Ele não apenas representa o deus; ele é o deus.

Etnólogos e antropólogos coincidem na opinião de que a atitude mental em que são celebradas e testemunhadas as grandes festas religiosas dos selvagens, não é a de

uma total ilusão. “O selvagem”, escreveu R. R. Marett, “é um bom ator que sabe envolver-se no seu papel”.

Na missa católica romana, por exemplo, quando o padre, citando as palavras de Cristo na Última Ceia, pronuncia a fórmula da consagração – com máxima solenidade – primeiro sobre a hóstia (*Hoc est enim Corpus neum: “pois este é o Meu Corpo”*) e depois sobre o cálice de vinho (*Hic est enim Calix Sanguinis mei, novi et aeterni Testamenti: Mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum: “pois este é o Cálice do Meu Sangue, do novo e eterno Testamento: o Mistério da fé: o qual será derramado para vós e para muitos até a remissão dos pecados”*), é de se supor que o pão e o vinho se tornem o corpo e o sangue de Cristo, que cada fragmento da hóstia e cada gota do vinho sejam, de fato, o Salvador do mundo vivo. O sacramento, portanto, não é concebido para ser uma referência, um mero sinal ou símbolo para despertar em nós uma série de reflexões; ele é o próprio Deus, o Criador, o Juiz e Salvador do Universo, que aqui vem atuar diretamente sobre nós, para livrar nossas almas (criadas à Sua imagem) dos efeitos da queda de Adão e Eva no Jardim do Éden (o qual, devemos supor, existiu como uma realidade geográfica).

De maneira semelhante, na Índia acredita-se que, em resposta às fórmulas de consagração, as divindades descerão graciosamente para infundir sua substância divina às imagens dos templos. Também é possível e, em algumas seitas da Índia, até esperado que o próprio indivíduo se torne uma morada da divindade. No *Gandharva Tantra* está escrito, por exemplo: “Ninguém que não seja ele próprio divino pode, com êxito, adorar uma divindade”.

A fé – ou, pelo menos, o jogo do “como se” – é o primeiro passo em direção a tal arrebatamento divino. Assim, nos santuários religiosos consagrados – templos e catedrais, onde uma atmosfera de santidade paira permanentemente – deve-se impedir a intromissão da lógica da realidade fria e dura, para não acabar com o encantamento. Porque o único propósito de se entrar num santuário ou participar de uma festividade é deixar-se tomar pelo estado que na Índia é conhecido como a “outra mente”, em que se está “fora de si”, encantado, separado de sua própria lógica.

O ENIGMA DA IMAGEM HEREDITÁRIA

I. O MECANISMO LIBERADOR INATO

Os estudiosos do comportamento animal cunharam o termo “mecanismo liberador inato” (IRM = *innate releasing mechanism*), para designar a estrutura herdada do sistema nervoso que permite ao animal reagir diante de uma situação jamais vivida anteriormente, como exemplo, uma turba de minúsculas tartarugas que ao romperem a casca do ovo no ato de seu nascimento, sai andando pela areia e, como corredores ao ser dado o tiro de partida, correm para a forte rebentação das ondas tão rapidamente quanto podem, enquanto as gaivotas descem ruidosas para apanhá-las. E denominam “estímulo sinal” ou “liberador” ao fator desencadeante da reação.

C. G. Jung, identifica dois sistemas fundamentalmente diferentes de reações motivadas de forma inconsciente no ser humano. A um deles chama de inconsciente pessoal. Ele está baseado em um contexto de imagens da memória, oriundas da experiência pessoal (satisfações, frustrações, etc). Ao outro sistema ele chama de inconsciente coletivo. Seus conteúdos – os quais denomina arquétipos, é sempre coletiva, isto é, comum a pelo menos povos inteiros ou a períodos da história. Os principais temas mitológicos de todos os tempos e raças são muito provavelmente dessa ordem.

A ideia dos “arquétipos” de Jung é uma das principais teorias, hoje, no campo do estudo da mitologia. Ela é o desenvolvimento da teoria anterior de Adolf Bastian (1826-1905) que reconheceu, no curso de suas longas viagens, a uniformidade do que denominou “ideias elementares” da humanidade. Observando também, entretanto, que nos vários campos da cultura tais ideias são diferentemente articuladas e elaboradas, ele cunhou o termo “ideias étnicas” para as manifestações reais, locais, das formas universais. Em nenhum lugar, ele observou, as “ideias elementares” são encontradas em estado puro, abstraídas das “ideias étnicas” condicionadas localmente, através das quais as “ideias elementares” são substancializadas.

“Primeiramente”, escreveu Bastian, “a ideia precisa ser estudada enquanto tal [...] e como fator secundário, a influência das condições climático-geológicas”.

A questão da relação entre o comportamento inato e o condicionado está longe de ser resolvida. O filhote de cuco, chocado em um ovo colocado no ninho de outra espécie e sem experiência anterior de sua própria espécie, quando empena, anda apenas com cucos – todos eles, igualmente, criados em ninhos de outros pássaros e sem que jamais tenham sido ensinados a reconhecer a espécie a que pertencem. Mas, por outro lado, o patinho vai ligar-se, como se fosse sua mãe, à primeira criatura que surgir à sua frente quando ele sai da casca – por exemplo, uma galinha.

O caso do cuco ou o dos filhotes de tartaruga, ilustra o primeiro ponto a ser enfatizado em nossa breve abordagem do problema da fisiologia da imagem hereditária. A saber, o fato ora bem demonstrado e já notado, de que no sistema nervoso central dos animais existem estruturas inatas que são, de alguma maneira, correlativas ao próprio meio ambiente em que vive a espécie. O psicólogo gestáltico Wolfgang Köhler denominou “isomorfias” essas estruturas no sistema nervoso central. O animal, levado pelo dom inato, entende-se com seu meio natural, não em consequência de qualquer longo e lento aprendizado pela experiência, pelo processo de tentativa e erro, mas imediatamente e com a certeza do reconhecimento. O caso do patinho, por outro lado, ilustra um segundo ponto que precisa ser notado, se quisermos ponderar a relevância desses estudos para nosso próprio problema dos arquétipos mitológicos: o fato de que, apesar de em muitas instâncias os estímulos sinais que liberam as reações no animal serem inalteráveis e corresponderem à disposição interna da criatura tão precisamente como a chave com relação à fechadura (de fato, elas foram denominadas de estruturas “chave-fechadura”), há também sistemas de reação que foram estabelecidos pela experiência individual. Nestes, a estrutura do mecanismo liberador inato é descrita como “aberta”. Ela é suscetível a *imprinting*, “estampagem” ou “marcas”. Além disso, como no caso do patinho, onde existem essas “estruturas abertas” a primeira marca é a definitiva, requer, por vezes, menos de um minuto para ficar impressa e é irreversível.

É possível, é claro identificar mesmo no homem certo número de reações inatas “chave-fechadura”: a do bebê diante do peito, por exemplo. É óbvio também que no homem, como nos animais inferiores, há certos “mecanismos excitatórios centrais” (CEMs = *central excitatory mechanisms*), que recebem estímulo, tanto de dentro quanto de fora. Mas não se deve esquecer que, no homem, toda a estrutura de instintos é muito mais aberta ao aprendizado e condicionamento do que a dos animais.

Temos que interpretar as ideias elementares, ou inatas, como uma referência, em termos do século XIX, para o que hoje seria chamado de estruturas neurológicas inatas (mecanismos excitatórios centrais e mecanismos liberadores inatos) da espécie biológica *Homo sapiens*: aquelas estruturas hereditárias do sistema nervoso central que constituem os fundamentos elementares de toda experiência e reação humanas. As ideias étnicas, por outro lado, referem-se ao contexto historicamente condicionado dos estímulos sinais, através dos quais, em qualquer sociedade, as atividades do homem são desencadeadas.

II. O ESTÍMULO SINAL SUPRANORMAL

A mitologia não é inventada racionalmente: a mitologia não pode ser entendida racionalmente. A crítica literária a reduz à metáfora. Entretanto, uma abordagem nova e muito promissora se abre quando é vista à luz da psicologia biológica como uma função do sistema nervoso humano, exatamente semelhante aos estímulos sinais inatos e apreendidos, que libertam e dirigem as energias da natureza.

No campo de estudo do comportamento animal – que é a única área na qual experimentos controlados possibilitaram que se chegasse a conclusões confiáveis na observação do instinto – duas ordens de mecanismos liberadores inatos foram identificadas: a estereotipada e a aberta, esta última sujeita a estampagem. No caso da primeira, existe uma precisa relação chave-fechadura entre a aptidão interna do sistema nervoso e o estímulo sinal externo desencadeador da reação; assim, se existem na herança humana muitos – ou mesmo um – mecanismos liberadores inatos desta ordem, podemos falar legitimamente de “imagens hereditárias” na psique.

A ESTAMPAGEM OU MARCAS DA EXPERIÊNCIA

I. A FORÇA ESTRUTURADORA DA VIDA NA TERRA

Três períodos distintos de crescimento e suscetibilidade à estampagem são inevitáveis na biografia humana: 1) infância e juventude, com seu encanto desajeitado; 2) maturidade, com sua competência e autoridade; e 3) a sábia velhice, alimentando sua própria morte e fitando o passado evanescente, com amor ou com rancor.

A principal função da tradição mitológica e da prática ritualística de nossa espécie tem sido conduzir a mente, os sentimentos e o poder de ação do indivíduo através dos limiares críticos das duas primeiras décadas para a idade adulta e da velhice para a morte.

II. AS ESTAMPAGENS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Certas marcas estampadas no sistema nervoso no período de formação que vai do nascimento à maturidade, constituem a fonte de muitas das imagens míticas mais amplamente conhecidas. Necessariamente as mesmas para toda a humanidade, elas têm sido organizadas de maneira diferente nas diferentes tradições, mas em todas funcionam como potentes liberadores e direcionadores de energia.

As primeiras estampagens indelévels são as do momento do próprio nascimento. A congestão sanguínea e uma sensação de sufocação vicenciadas pelo bebê antes de seus pulmões começarem a funcionar, provocam um breve acesso de pânico, cujos efeitos físicos (falta de ar, congestão circulatória, vertigem, ou mesmo branco temporário) tendem a voltar, mais ou menos intensamente, sempre que haja um momento repentino de pânico. De maneira que o trauma do nascimento, enquanto arquétipo de transformação, aflui com considerável efeito emocional nos momentos breves da perda de segurança e ameaça de morte, que acompanham qualquer crise de mudança radical. No imaginário mitológico e religioso, este tema do nascimento (ou melhor, frequentemente do renascimento) é preeminente; na verdade, cada passagem de limiar – não apenas essa das trevas do útero à luz do sol, mas também a da infância para a vida adulta e a da luz do mundo para qualquer que seja o mistério das trevas que possa haver além do portal da morte – é comparável a um nascimento e foi representada em forma de rito, praticamente em toda a parte, através de imagens de re-entrada no útero.

O conceito da terra como mãe, tanto gestadora quanto nutridora, foi fundamental nas mitologias das sociedades de caçadores e agricultores. De acordo com a imagética

dos caçadores, é do útero da terra que os animais de caça provêm. Da mesma forma, para os agricultores, é no corpo da mãe que o grão é semeado: a aração da terra é a gestação e o crescimento do grão um nascimento. Além do mais, a ideia da terra como mãe e a do sepultamento como retorno ao útero para renascer, parece ter sido sustentada por algumas das comunidades da espécie humana em uma época extremamente remota. As primeiras evidências indiscutíveis de ritual e, portanto, do pensamento mitológico, são as sepulturas do *Homo neanderthalensis*, um remoto predecessor da nossa própria espécie, cujo período talvez seja datado em 200.000-75.000 anos a.C. Os esqueletos de Neandertal foram encontrados sepultados com provisões (sugerindo a ideia de outra vida), acompanhados de animais sacrificados (boi selvagem, bisão e cabra selvagem), orientados no sentido leste-oeste (o caminho do sol, o qual renasce da mesma terra em que são colocados os mortos), em posição fetal (como se estivessem no útero), ou numa posição de dormir – em um dos casos, com um travesseiro de lascas de sílex. Sono e morte, despertar e ressuscitar, a sepultura como retorno à mãe para renascer, mas se o Homem de Neandertal pensava que o próximo despertar seria aqui novamente ou em algum mundo por vir (ou mesmo em ambos juntos) nós não sabemos.

E com isto encerramos o assunto da imagética do nascimento.

III. O SISTEMA DE VALORES DO GRUPO LOCAL

A transformação da criança em adulto, alcançada nas sociedades desenvolvidas através de anos de educação, é efetivada no nível primitivo mais rápida e abruptamente por meio dos ritos da puberdade que, para muitas tribos, são as cerimônias mais importantes de seu calendário religioso.

Para Radcliffe-Brown “Uma sociedade depende, para sua existência, da presença, nas mentes de seus membros, de certo sistema de valores pelo qual a conduta do indivíduo é regulada de acordo com as necessidades da sociedade”; e mais: “os valores em questão não são inatos, mas desenvolvido no indivíduo pela influência da sociedade sobre ele”. É por meio dos ritos de iniciação que tais valores do sistema local são introduzidos. De cultura para cultura, os símbolos-sinais apresentados nos ritos de iniciação diferem consideravelmente.

As imagens desenvolvidas, em sua maioria, a partir de estampagens ocorridas na infância constituem a matéria-prima do mito. Os ritos, através dos quais os novos símbolos-sinais são impressos nas mentes dos pequenos seres em crescimento, de maneira a recondicionar todo o sistema de seus mecanismos liberadores inatos são constitutivos do mito.

IV. O IMPACTO DA VELHICE

A morte é prenunciada pelos primeiros sinais da velhice. Muito mais cedo no passado primitivo! Quando a mulher de quarenta e cinco anos era uma velha e o guerreiro de cinquenta um aleijado artrítico e quando, além do mais, a doença e os acidentes nas caçadas e nos combates eram experiências imediatas de todo mundo, a Morte era uma presença poderosa a ser enfrentada corajosamente.

Leo Frobenius foi o primeiro a salientar que duas atitudes contrastantes com relação à morte aparecem entre os povos primitivos do mundo. Entre as tribos caçadoras, cujo estilo de vida está baseado na arte de matar, que vivem em um mundo de animais que matam e são mortos e dificilmente conhecem a experiência orgânica de uma morte natural, toda morte é consequência de violência e é geralmente atribuída, não ao destino natural dos seres temporais, mas à magia. A magia é usada tanto para defender-se da morte quanto para provocar a de outros e os próprios mortos são considerados como

espíritos perigosos, ressentidos por terem sido despachados para outro mundo, que procuram vingar-se de seu estado miserável nos que continuam vivos. De fato, como Frobenius formula a postura: “O poder exercido pelo indivíduo vivo para o bem, o morto exerce para o mal; de maneira que quanto melhor ele tiver sido, pior ele se tornará; e quanto mais poderoso ele tiver sido em vida, maior terá que ser o peso restritivo dos grilhões e pedras sobre seu cadáver. Em resumo: quanto melhor e mais forte o vivo, mais perigoso seu fantasma”.

Para os povos agricultores das estepes férteis e das selvas tropicais, por outro lado, a morte é uma fase natural da vida, comparável ao momento da sementeira, para renascer.

Frobenius denomina “mágica” a atitude da primeira ordem e “mística” a da posterior, observando que enquanto o plano de referência da primeira é físico, sendo o espírito concebido como físico, a segunda expressa um profundo sentido de uma comunhão da morte e da vida na entidade da família.

Quando os ritos e mitologias, mesmo dos mais primitivos agricultores, são comparados com os de qualquer tribo de caçadores, salta à vista que eles representam um aprofundamento significativo, tanto do sentimento religioso quanto do compromisso do indivíduo para com a vida comunal; os caçadores, comparativamente, são individualistas rudes. Pois é nos rituais e mistérios do grupo que os agricultores não apenas conquistam seu senso de entidade tribal, mas também descobrem o caminho pelo qual os perigos da jornada para o reino feliz dos mortos devem ser superados, e assim atingida a companhia dos ancestrais, que desde ali funcionam como uma presença contínua na memória viva do rito. Os vivos e os mortos são dessa maneira, por assim dizer, os hemisférios equiparados, a luz e sombra, de uma única esfera que é o próprio ser.

A MITOLOGIA DOS AGRICULTORES PRIMITIVOS

A ESFERA CULTURAL DAS CIVILIZAÇÕES AVANÇADAS

As formas básicas de economia que sustentaram as civilizações avançadas do mundo – aparecem surgidas pela primeira vez entre 7.500 e 4.500 a.C., no Oriente Próximo, centro a partir do qual se teriam expandido para o leste e oeste em uma ampla faixa, substituindo as culturas anteriores de caça e coleta de alimentos, muito mais precárias, até atingirem, por volta de 2500 a.C., tanto a costa pacífica da Ásia quanto as costas atlânticas da Europa e África.

I. O PROTONEOLÍTICO: APROXIMADAMENTE 7.500-5.500 a.C.

A primeira fase dessa transformação crucial da sociedade parece representada entre 7.500-5.500 a.C., segundo pesquisas arqueológicas no Oriente Próximo, em Helwan- Egito; Beirute e Yabrud; e nas montanhas curdas do Iraque.

II. O NEOLÍTICO BASAL: APROXIMADAMENTE 5.500-4.500 a.C.

A segunda fase do desenvolvimento crucial do Oriente Próximo pode ser atribuída esquematicamente ao milênio entre 5.500-4.500 a.C. e denominada Neolítico Basal. O assentamento em aldeias, baseado em uma eficiente economia agropecuária de pequeno porte, torna-se agora um padrão bem estabelecido na região nuclear; os principais cereais são o trigo e a cevada e os animais, o porco, a cabra, a ovelha e o boi – o cão juntou-se à família humana muito antes, como ajuda aos caçadores do Paleolítico Tardio, talvez por volta de 15.000 anos antes de Cristo. A cerâmica e a tecelagem foram acrescentadas às habilidades humanas; igualmente, as artes de carpintaria e construção de casas. E o

papel da mulher foi, talvez, grandemente acentuado, tanto social quanto simbolicamente; pois enquanto no período da caça os principais contribuintes ao sustento das tribos tinham sido os homens e o papel das mulheres fora, via de regra, o de “escravas” domésticas, agora as contribuições econômicas da mulher eram da maior importância. Ela participava – talvez até predominasse – no plantio e colheita dos cereais e, na qualidade de mãe e nutridora da vida, era considerada auxiliar simbólica da terra em sua produtividade.

Entretanto, ninguém pode afirmar com certeza quanto ao lugar social e religioso da mulher nesse período, pois as poucas evidências dos ossos e dos fragmentos de cerâmica rústica não revelam nada de sua sorte. É preciso inferir, hipoteticamente, a partir das evidências do próximo milênio (4.500-3.500 a.C.), quando aparece uma grande quantidade de estatuetas femininas entre os fragmentos de cerâmica. Eles sugerem que a analogia óbvia dos poderes da mulher com os da terra – de dar e nutrir a vida – já teria levado o homem a associar a fertilidade da mulher com uma ideia de maternidade da natureza. Obviamente, não temos nenhum texto dessa idade pré-letrada e, em consequência, nenhum conhecimento de seus ritos e mitos. Não é incomum, portanto, que arqueólogos extremamente bem treinados aleguem que não conseguem imaginar que serviços as numerosas estatuetas femininas poderiam ter prestado aos lares para os quais eram designadas. Entretanto, temos amplo conhecimento sobre o papel de tais imagens nos períodos imediatamente subsequentes e a sua função até os dias de hoje. Elas prestam ajuda mágico-psicológica no parto e na concepção, ficam em oratórios para receber diariamente os devotos e proteger os ocupantes da casa tanto de perigos físicos quanto espirituais, servem como suporte da mente em suas meditações sobre o mistério da existência e, como frequentemente são bonitas, servem de ornamento nos lares devotos. Elas acompanham o agricultor em suas lavouras, protegem as colheitas, protegem os animais no estábulo. São guardiãs das crianças. Vigiam o navegante no mar e o mercador na estrada.

Uma série de papéis típicos e aparentemente constantes dessa deusa-mãe pode ser descoberta, também, pelo simples exame de “Litania ^(ladainha) de Loreto” católica romana, que é dirigida à Mãe Virgem Maria. Ela é chamada ali de Santa Mãe de Deus, a Mãe da Graça Divina e Mãe do Bom Conselho; a Virgem mais renomada, Virgem mais poderosa, Virgem mais misericordiosa, Virgem mais fiel e louvada como Espelho da Justiça, Morada da Sabedoria, Causa de Nossa Alegria, Portal do Céu, Estrela da Manhã, Saúde dos Enfermos, Refúgio dos Pecadores, Consolo dos Aflitos e Rainha da Paz; Torre de Davi, Torre de Marfim e Casa de Ouro.

Entre os símbolos associados com a grande deusa nas artes arcaicas do Mediterrâneo encontramos o espelho, o trono real, da sabedoria, o portão, a estrela da manhã e da tarde e uma coluna flanqueada por leões rampantes. Outrossim, entre suas numerosas estatuetas neolíticas, a vemos de pé grávida, acocorada como se estivesse parindo, amamentando um bebê, apertando os seios com as duas mãos, ou um seio, enquanto com a outra mão aponta para seus genitais (a postura foi modificada no período romano na célebre imagem da mesma deusa encontrada no pórtico de Octavia e agora em Florença, a Vênus de Médici). Ou, novamente, podemos vê-la dotada com a cabeça de uma vaca, tendo nos braços uma criança com cabeça de touro; de pé nua sobre um leão; flanqueada por animais rampantes, leões ou cabras. Seus braços podem estar abertos como a receber-nos, ou estendidos segurando flores ou serpentes. Ela pode estar coroada com a muralha de uma cidade. Ou, novamente, sentada entre os chifres, ou montada sobre um robusto touro.

III. O NEOLÍTICO SUPERIOR: APROXIMADAMENTE 4.500-3.500 a.C.

No período em que essa constelação de estatuetas femininas nuas aparece pela primeira vez, que pode ser chamado de Neolítico Superior, a cerâmica torna-se de súbito admiravelmente requintada e decorada com beleza e, além disso, mostrando um conceito totalmente novo de arte ornamental e de organização de formas estéticas como nunca tinha aparecido na história do mundo. Na arte do período anterior, a paleolítica das grandes cavernas do sul da França e norte da Espanha, não se encontra nenhuma evidência de qualquer conceito de organização geométrica de um espaço estético. De fato, as superfícies pintadas ou gravadas nas paredes das cavernas eram tão pouco consideradas como espaços de interesse estético que os animais frequentemente se sobrepõem uns aos outros em grandes entrelaçamentos. Tampouco encontramos algo que se assemelhe a espaço estético geometricamente organizado nas obras sobreviventes dos estágios posteriores, os últimos do Paleolítico. Muitos dos petróglifos (gravuras rupestres) dos estágios posteriores da idade da caça perderam sua beleza e precisão impressionista iniciais; alguns degeneraram em meros rabiscos ou abstrações geométricas. Outrossim, sobre certos seixos rolados pintados, encontrados em lugares que aparentemente eram santuários religiosos dos caçadores, aparecem figuras geométricas: a cruz, o círculo com um ponto no centro, uma linha com um ponto em cada lado, listras, sinuosidades e algo assemelhando-se à letra E. Entretanto, não encontramos, mesmo neste último estágio do período da caça, nada que pudesse ser chamado de organização geométrica, nada que sugerisse o conceito de um espaço definitivamente circunscrito, no qual uma série de elementos díspares fossem reunidos ou fundidos em um todo estético por uma harmonia de beleza. Enquanto de repente – muito de repente – no período de que estamos tratando, que coincide com o surgimento no mundo de aldeias bem estabelecidas e em amplo desenvolvimento, irrompe à vista uma abundância das mais graciosas e conscientemente organizadas composições circulares de motivos geométricos e abstratos, na cerâmica dos estilos conhecidos como Halaf e Samarra.



E, no centro desses desenhos, encontramos certos símbolos que permaneceram até hoje como característicos de tais organizações. Na cerâmica Samarra, por exemplo, ocorre a mais antiga associação conhecida da suástica com o centro de uma composição circular (há, na realidade uma única ocorrência anterior conhecida da suástica: sob as asas estendidas de um pássaro voando, esculpido em marfim de mamute e encontrado em um sítio paleolítico não longe de Kiev). Encontramos também a cruz de Malta no centro desses primeiros desenhos geométricos – ocasionalmente modificada de maneira a sugerir formas animais estilizadas emergindo dos braços; e, em muitos exemplos, as figuras de mulheres aparecem com os pés ou cabeças convergindo no meio do desenho circular, para formar uma estrela. E ainda, as formas de quatro gazelas circundando uma árvore. Uma série de vasos mostra graciosas aves pernaltas apanhando peixes.

O local da descoberta arqueológica do qual essa série soberba de vasos decorados recebeu o nome, Samarra, está situado no Iraque, junto ao rio Tigre, cerca de 112 km acima de Bagdá; e a região pela qual a cerâmica foi difundida estende-se em direção norte até Nínive; ao sul até a ponta do golfo Pérsico, e a leste, através do Irã, até a fronteira com o Afeganistão. A cerâmica Halaf, por outro lado, está espalhada por uma região ao norte dessa, com seu principal centro no norte da Síria, bem ao sul das chamadas Tauro, ou Touro, montanhas da Anatólia (hoje Turquia), onde o rio Eufrates e seus afluentes descem do sopé das montanhas para a planície. E o que é mais notável é a proeminência, nessa lindamente decorada cerâmica do noroeste, da cabeça de touro (o chamado bucrânio), visto de frente e com grandes chifres arqueados. A forma é expressa tanto naturalisticamente quanto em desenhos estilizados muito graciosos. Outro artifício notável nessa série é o machado de dupla lâmina. Encontramos a cruz de Malta mais uma vez, como em Samarra mas nenhuma suástica e tampouco aqueles desenhos graciosos de gazelas. Além do mais, relacionadas com as estatuetas femininas (que são numerosas neste contexto), aparecem figuras em argila da pomba, bem como da vaca, zebu, ovelha, cabra, e porco. Um fragmento muito bonito representa a deusa de pé, vestida, entre duas cabras rampantes – a da esquerda um macho e a outra, uma fêmea amamentando um cabrito.



Mas esse é precisamente o complexo que surgiu um milênio mais tarde em Creta e dali foi levado por mar, através das Colunas de Hércules, para o norte até as ilhas Britânicas e, para o sul, até a Costa do Ouro, a Nigéria e o Congo. É também o complexo básico da cultura micênica, da qual os gregos e, conseqüentemente, nós próprios, retiramos tantos símbolos. Na verdade, acho que podemos afirmar com um grau de certeza muito elevado que, nessa simbologia halafiana da deusa, da pomba e do machado de dupla lâmina, temos as mais antigas evidências até hoje descobertas em qualquer lugar, da mitologia prodigiosamente influente associada para nós com os grandes nomes de Ístar e Tammuz, Vênus e Adônis, Ísis e Osíris, Maria e Jesus.

OS SUMÉRIOS

Um importante desenvolvimento, repleto de significado e promessas para a história



da humanidade nas civilizações por vir, ocorreu na última parte desse mesmo período (cerca de 4000 a.C.), quando algumas das aldeias camponesas começaram a assumir o tamanho e função de cidades mercantis e houve uma expansão da área cultural para o sul, pelas planícies lodosas da Mesopotâmia ribeirinha. Esse é o período em que a misteriosa raça dos sumérios aparece pela primeira vez em cena,

para estabelecer-se nos terrenos das planícies tórridas do delta do Tigre e do Eufrates, que se tornariam em breve as cidades reais de Ur, Kish, Lagash, Eridu, Sipar, Shuruppak, Nipur e Erech. Os únicos recursos naturais da região eram o barro e o junco. Madeira e pedra tinham que ser importados do norte e, muito em breve, pequenas contagens de cobre começariam a aparecer entre as importações, pois a Idade do Metal estava por iniciar-se. Mas o lodo era fértil e a fertilidade renovava-se anualmente. Além do mais, o barro podia ser transformado em tijolos secos ao sol, os quais aparecem agora pela primeira vez na história, usados na construção de templos – que, igualmente, inauguram sua presença na história do mundo. Sua forma típica é bem conhecida; era aquela do zigurate em seus

primeiros estágios – de pouca altura, construído com um santuário no topo para o ritual da união da deusa-terra com o senhor-céu, união geradora do mundo. E, se podemos julgar a partir das evidências dos séculos seguintes, a rainha ou princesa de cada cidade, naqueles primórdios era identificada com a deusa, e o rei, seu esposo, com o deus.



A cerâmica pintada da camada mais antiga dessas localidades ribeirinhas do sul da Mesopotâmia é conhecida na arqueologia como cerâmica Obeid, encontrada na colina de Tell el-Obeid, situada ao sul do limite austral do rio Eufrates e não distante da antiga cidade de Ur (que logo surgiria). E essa, novamente, é uma cerâmica elaborada, geometricamente ornamentada, um pouco menos graciosa, talvez, e menos colorida que os artefatos dos ricos estilos de Halaf e Samarra. Seus desenhos, com poucas exceções, não são policromos, mas pintados sobre um fundo claro em apenas uma cor: preto ou marrom. E o período é datado por volta de 4.000-3.500 a.C.

IV. A CIDADE-ESTADO HIERÁTICA: APROXIMADAMENTE 3.500-2.500 a.C.

O Neolítico Superior foi o período em que os primeiros sinais de habitação humana começaram a surgir nas planícies lodosas da Mesopotâmia ribeirinha. Além do mais, por toda a região, da Anatólia ao Egito e do Mediterrâneo ao Irã, as aldeias situadas mais estrategicamente começaram a transformar-se em cidades mercantis, enquanto algumas das aldeias menores parecem ter começado a especializar-se em determinadas artes. Por exemplo, em uma localidade pequena mas extremamente interessante, conhecida da arqueologia como Arpachiyá, no norte do Iraque, não distante da povoação maior e murada de Nínive, foi encontrada, no centro da comunidade, uma grande olaria de um competente artesão, que parece ter sido o chefe da aldeia. Muitas das suas cerâmicas estavam expostas em prateleiras em volta das paredes de sua relativamente grande residência de tijolos crus; de maneira que temos a impressão de uma comunidade de oleiros camponeses, cultivando suas próprias lavouras e criando seu gado, mas produzindo sua bela cerâmica Halaf não apenas para si mesmos, como também para um mercado de elite de algum outro lugar, possivelmente Nínive, a maior cidade próxima. Pois o comércio nesse período estava se desenvolvendo não menos que a agricultura e as artes – as artes da cerâmica, escultura em pedra, joalheria e tecelagem.

Foi também nas grandes cidades mercantis desse período, como vimos, que surgiram os primeiros zigurates durante o quarto milênio a.C. simbolizando, aparentemente, o centro do universo, onde a união geradora da vida entre os poderes do céu e da terra se consumou num casamento ritual.

Entretanto, no período imediatamente subsequente – o da cidade-estado hierática, que pode ser situado, com relação às cidades ribeirinhas do sul da Mesopotâmia, esquematicamente, entre 3500 e 2500 a.C., encontramos uma situação totalmemnte nova e singular. Pois no nível do estrato arqueológico conhecido como Uruk A, que está imediatamente acima do de Obeid e pode ser grosseiramente datado por volta de 3500 a.C., as áreas de templos do sul da Mesopotâmia podem ser vistas notavelmente aumentadas em tamanho e importância; e então, de súbito, em uma data crucial que pode ser fixada quase com precisão em 3200 a.C. (no período do estrato arqueológico conhecido como Uruk B), surge naquela pequena região lodosa suméria toda a confluência cultural que a partir de então constituiu a unidade germinal de todas as civilizações avançadas do mundo. Esse evento deveu-se a criação factual e claramente consciente da mente e da ciência de uma nova ordem de humanidade que jamais havia

surgido na história da espécie humana: o profissional em tempo integral, iniciado e estritamente arregimentado, sacerdote de templo.

A nova inspiração da vida civilizada estava baseada, em primeiro lugar, na descoberta, através de longas e meticulosas observações verificadas uma e outra vez de que havia, além do sol e da lua, cinco outras esferas celestes visíveis (a saber, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), que se moviam entre as estrelas fixas em trajetórias determinadas, de acordo com leis determinadas, seguindo as rotas traçadas pelo sol e pela lua; e, em segundo lugar, a noção de que as leis que governavam os movimentos das sete esferas celestes, de alguma forma mística deveriam ser as mesmas que governavam a vida e o pensamento dos homens sobre a terra. Toda a cidade, e não apenas a área dedicada aos templos, era agora concebida como uma imitação na terra da ordem cósmica. O rei era o centro, como representante humano do poder tornado celestialmente manifesto no sol ou na lua, segundo o foco do culto local; a cidade murada foi organizada arquitetonicamente no formato de um círculo dividido em quatro partes (como os círculos desenhados nos objetos de cerâmica do período imediatamente precedente), cujo centro era o santuário principal do palácio ou zigurate (como os desenhos em volta da cruz, da roseta ou da suástica que aparecem nas cerâmicas) e havia um calendário com base matemática para regular as estações da vida da cidade de acordo com as passagens do sol e da lua entre as estrelas – bem como um sistema altamente desenvolvido de artes litúrgicas.

Foi nesse momento do destino humano que desenvolveu, pela primeira vez, dois sistemas numéricos ainda usados em todo o mundo civilizado, o decimal e o sexagesimal; o primeiro era usado principalmente nos cálculos comerciais nos recintos dos templos; o último, na medição ritualística do espaço e também do tempo. Trezentos e sessenta graus, então como hoje, representavam a circunferência de um círculo – o ciclo do horizonte – enquanto trezentos e sessenta dias, mais cinco, marcavam a medição do círculo do ano, o ciclo do tempo. Os cinco dias intercalados que formam o total de trezentos e sessenta e cinco foram usados para representar uma passagem sagrada, através da qual a energia espiritual fluía da plenitude da eternidade para o círculo do universo temporal e foram, em decorrência disso, fixados como dias de festas e festivais sagrados. Comparativamente, o zigurate, o ponto principal no centro do círculo sagrado do espaço, onde os poderes terrenos e celestiais se uniam, era também caracterizado pelo número cinco; pois os quatro lados da torre, orientados para os pontos cardinais, juntavam-se no vértice – o quinto ponto – e era ali que a energia do céu se encontrava com a da terra.

O maravilhoso conjunto de ideias e princípios organizadores da vida – incluindo escrita, matemática e astronomia “convencionada em calendário” – atingiu o Nilo, para inspirar a civilização da Primeira Dinastia do Egito, por volta de 2.800 a.C.; difundiu-se para Creta por um lado e, por outro, para o vale do Indo, por volta de 2.600 a.C.; para a cultura Shang da China, por volta de 1.600 a.C. e, segundo o destacado D. Robert Heine-Geldern, da China através do Pacífico, durante o próspero período das navegações da antiga dinastia Chou, entre os séculos VII e IV a.C., para o Peru e Meso-América.

Se o último fato for verdadeiro, bem como os restantes, então pode-se dizer sem exagero que todas as civilizações avançadas do mundo – todas elas – devem ser vistas como galhos de uma grande árvore, cuja raiz está no céu. E se tivéssemos que tentar formular o sentido ou significado dessa raiz mitológica, poderíamos dizer que a necessidade psicológica de juntar as partes de uma ampla e socialmente diferenciada comunidade – sugere a ação entre elas de um princípio vivificador superior, que tudo preenche e tudo informa – é uma necessidade profundamente sentida, tanto psicológica quanto sociológica, que deve ter sido satisfeita com o reconhecimento, em algum momento no quarto milênio a.C., da ordenada dança giratória dos cinco planetas. Essa

ordem celestial tornou-se então o modelo para a humanidade no estabelecimento de uma ordem terrena.

E, se tentarmos agora exprimir em uma sentença o sentido e o significado de todos os mitos e rituais que surgiram dessa concepção de ordem universal, podemos dizer que eles são seus agentes estruturadores, funcionando para colocar a ordem humana em concordância com a celestial. “Será feito na terra, como é no céu”.

PARALELISMO OU DIFUSÃO?

A arqueologia e a etnografia da última metade do século passado tornaram claro que as antigas civilizações do Velho Mundo – do Egito, Mesopotâmia, Creta e Grécia, Índia e China – derivaram de uma única raiz e que essa origem comum é suficiente para explicar as formas homólogas de suas estruturas mitológicas e rituais. Como já foi notado, o princípio do florescimento dessa época foi localizado em uma base neolítica no Oriente Próximo; seus primeiros sinais foram identificados por volta de 7.500-5.500 a.C. e também o súbito aparecimento, aproximadamente na mesma região, por volta de 3.200 a.C., de uma confluência de descobertas e habilidades sacerdotais, inclusive um calendário astronômico, a arte da escrita, uma ciência matemática aplicada à tentativa de coordenar as medições do espaço e do tempo e a concepção da roda. Em nenhum outro lugar do mundo foi identificado nenhum dos elementos – nem da coleção neolítica nem de qualquer civilização mais avançada – em níveis que correspondam a essa profundidade.

O progresso da cultura humana no Velho Mundo, do nível da coleta de alimentos (caça e coleta de raízes) ao do cultivo de alimentos (agricultura e pecuária), deve ser estudado como um processo muito amplamente difundido, porém único.

Com respeito ao Novo Mundo, um ponto de vista defendido pela maioria das escolas norte-americanas de Antropologia, diz que:

... Podemos inferir que os seres humanos possuem uma necessidade inata de dar certos passos definidos em direção àquilo que chamamos de civilização. E que os homens também possuem a capacidade inata, dada as devidas condições ambientais, de colocar essa necessidade em prática. ...

Leo Frobenius, entretanto, já em 1903 assumia uma visão exatamente contrária, que a partir de então tem sido representada e desenvolvida principalmente pelos estudiosos europeus e sul-americanos do assunto. Acreditando que as primitivas aldeias agrícolas da América Equatorial eram extensões, para o leste da Polinésia, de um estilo cultural que já tinha identificado do Sudão à ilha de Páscoa, ele argumentou que o continuum americano básico da cultura de caça – que tinha sido levado ao continente desde o nordeste da Sibéria, através do estreito de Bering, e se difundindo verticalmente para o sul, do Alasca ao cabo Horn – deve ter sido encontrado em uma trajetória horizontal por viajantes marítimos da Polinésia. “Em nosso estudo da Oceânia”, ele escreveu, “pode-se demonstrar que existia uma ponte, e não um abismo, entre a América e a Ásia”.

Os padrões das civilizações mais avançadas do grandioso período maia-asteca e dos períodos peruanos posteriores são comparados com seus correspondentes no Egito e na Mesopotâmia, na Índia e na China sob vários aspectos. Um complexo neolítico basal, compreendendo agricultura e pecuária; confecção de esteiras, de cestos, cerâmica pintada; metalurgia em ouro, prata, e outros metais, empregando o método cera perdida para a fundição de peças; sistema de calendário altamente desenvolvido, revelando um padrão de ciclos maiores e menores entrosados; designação de deidades para as várias esferas celestes; ideia de ciclos de criação e dissolução; céu disposto acima e o inferno abaixo; um deus que morre e é ressuscitado; dão conta de uma grande quantidade de analogias explicadas por teorias difusionistas.

Na China, em contraste com a Mesopotâmia (3.200 a.C.), Egito (2.800 a.C.), Creta e Índia (2.600 a.C.), o estilo cultural avançado da escrita, do calendário e da ordem celestial hierática do Estado não apareceu antes de aproximadamente 1.523 a.C. O poderoso império Han esteve em pleno desenvolvimento desde 202 a.C. até 220 d.C., enviando seus grandes navios até Roma para fazer comércio, contornando a costa da Indochina. Os dongson no nordeste da Indochina foram senhores dos Mares do Sul desde c. 333 a.C. até c. 50 d.C., como o foram os navegantes mercadores do sudeste da Índia, Java, Sumatra e Cambodja desde, talvez, o início do século VII até o final do século XII da nossa era. Tais contatos comerciais, sem dúvida, estabeleceram contatos culturais.

Os elementos característicos da Meso América, típicos também na Ásia (pirâmides escalonadas, certos tipos de tumbas, escrita hieroglífica combinada com uma desenvolvida ciência da astronomia e do calendário, escultura em pedra bem desenvolvida), dão conta de uma América que, provavelmente, não permaneceu inviolada.

“Poderiam tais façanhas de repetição ter ocorrido, guiados apenas pela estrutura paralela das mentes e corpos humanos”, pergunta o Prof. Gordon R. Willey, “ou será que o germe cultural foi transplantado através dos oceanos?”

A MITOLOGIA DOS CAÇADORES PRIMITIVOS

XAMANISMO

I. O XAMÃ E O SACERDOTE

A comparação do sacerdote com o xamã pode ser explicada a partir do conceito de que o sacerdote é o membro socialmente iniciado e solenemente empossado de uma organização religiosa reconhecida, onde detém uma certa posição e funciona como o detentor de um ofício exercido por outros antes dele, enquanto o xamã é aquele que, em consequência de uma situação psicológica decisiva pessoal, conquistou certo poder por conta própria. Os visitantes espirituais que apareciam em suas visões jamais tinham sido vistos por qualquer outro; eles eram seus espíritos tutelares particulares. Os deuses venerados por sociedades de sacerdotes estritamente organizados e ordenados, são os famosos padroeiros de toda a aldeia a quem se rezaram orações e que são representados nas danças rituais desde tempos imemoriais.

A preocupação máxima de todas as mitologias, rituais, sistemas éticos e organizações sociais das comunidades baseadas na agricultura foi suprimir as manifestações de individualismo, visões xamânicas individuais, por exemplo, e isso geralmente se consegue pela persuasão das pessoas a identificarem-se, não com seus próprios interesses, mas com arquétipos de comportamento e sistemas de valores desenvolvidos e mantidos no domínio público.

Por outro lado, sempre houve aqueles que desejaram muito ficar sozinhos e o fizeram, alcançando por vezes aquela mesma solidão na qual o Grande Espírito, o Poder, o Grande Mistério que permanece oculto do coletivo e suas preocupações, é intuído com o impacto interior de uma força imediata.

No mundo do caçador paleolítico, onde os grupos eram relativamente pequenos – não mais do que quarenta ou cinquenta indivíduos – as pressões sociais eram muito menos rígidas do que mais tarde nas aldeias e cidades maiores, diferenciadas, sistematicamente coordenadas e estabelecidas por longo tempo. E as vantagens para o grupo estão antes no estímulo do que na repressão dos impulsos.

Essa, então, deve ser nossa primeira distinção entre as mitologias dos caçadores e as dos agricultores. A ênfase dos ritos dos agricultores está no grupo; a dos caçadores, antes, no indivíduo – embora aqui, é claro, o grupo não desapareça.

Pode-se dizer que na maior parte do mundo da caça o princípio xamanista prepondera e que, em consequência, a vida mitológica e ritual é muito menos rica que entre os agricultores. A maioria de suas divindades atuantes tem antes a natureza de espíritos tutelares pessoais que a de deuses desenvolvidos em profundidade. Em contrapartida, alcançaram pela mente insights muito mais fecundos na solidão, do que os êxtases grupais, transportados pelo ar.

II. A MÁGICA XAMANISTA

O xamã tem um poder oculto sobre a natureza, que pode usar tanto para prejudicar quanto para beneficiar seus semelhantes. Em toda sociedade em que eles são conhecidos, os xamãs têm sido os guardiães particulares e recitadores dos hinos e tradições de seu povo.

A relação das experiências íntimas do xamã com o mito é um tema de máxima importância e também um problema do nosso assunto. Pois se o xamã foi o guardião da tradição mitológica da humanidade durante o período de cerca de quinhentos ou seiscentos mil anos, quando a principal fonte de sustento era a caça, então, tem-se que supor que o mundo interior do xamã tenha exercido uma influência considerável na formação de qualquer que seja a porção de nossa herança espiritual que possa ter descendido do período da caça paleolítica.

III. A VISÃO XAMANISTA

“Uma pessoa não pode tornar-se xamã se não houve nenhum xamã entre seus parentes”, declarou o xamã dos tungues, Semyonov Semyon. “Apenas aqueles que têm ancestrais xamãs recebem o dom xamanista, pois o dom é passado de geração para geração”, complementou o xamã.

Conforme Eliade observou, o poder do xamã está em sua capacidade de entrar em transe voluntariamente. Tampouco ele é vítima de seu transe: ele o domina, como um pássaro domina o ar em seu vôo. A magia de seu tambor leva-o embora nas asas de seu ritmo, as asas do arrebatamento espiritual. O tambor e a dança, simultaneamente, elevam seu espírito e invocam-lhe seus espíritos tutelares – as feras e pássaros, invisíveis aos outros, que lhe deram poder e o assistem em seu vôo. E é durante seu transe extático que ele realiza suas façanhas miraculosas. Durante o transe, ele voa como um pássaro para o mundo das alturas ou desce como uma rena, touro ou urso, para o mundo subterrâneo.

As evidências da força da imagem do pássaro como símbolo adequado ao poder espiritual pode ser identificada em várias culturas no tempo histórico. Por exemplo, na grande caverna paleolítica de Lascaux, no sul da França, há uma pintura de um xamã fantasiado de pássaro, prostrado em transe e com a figura de um pássaro instalado sobre o bastão de xamã ao seu lado. Os xamãs da Sibéria vestem-se de pássaro até hoje e muitos são considerados como concebidos por suas mães por intervenção de pássaros. E não deveríamos também pensar na pomba, que pousou sobre Maria, e no cisne que gerou Helena de Tróia? Em muitos países, a alma é representada como um pássaro e os pássaros são comumente mensageiros espirituais. Os anjos não passam de pássaros transformados. Mas o pássaro do xamã é de caráter e poderes especiais, dotando-o da capacidade de voar em transe para além dos limites da vida, e também de retornar.



Os xamãs da Sibéria vestem-se de pássaro até hoje e muitos são considerados como concebidos por suas mães por intervenção de pássaros. E não deveríamos também pensar na pomba, que pousou sobre Maria, e no cisne que gerou Helena de Tróia? Em muitos países, a alma é representada como um pássaro e os pássaros são comumente mensageiros espirituais. Os anjos não passam de pássaros transformados. Mas o pássaro do xamã é de caráter e poderes especiais, dotando-o da capacidade de voar em transe para além dos limites da vida, e também de retornar.

A MITOLOGIA PALEOLÍTICA

A pintura na imensa caverna-templo paleolítica conhecida como Trois-Frères, no sul da França, de um dançarino bisão vestindo roupa cerimonial, aparentemente, à maneira do xamã, cujo poder era atrair os animais para a caça, fornece um pacto entre o homem e o animal, e seguramente, também, o santuário, em relação com os ritos da caça.



Outro exemplo é a caverna vizinha, conhecida como Tuc d'Audoubert, onde há uma câmara na qual dois bisões estão representados em baixo-relevo sobre uma elevada proeminência, em volta da qual foram encontradas as pegadas de um dançarino. O casal de bisões representa um macho cobrindo uma fêmea, e a dança efetuada, sobre os calcanhares imitando os cascos dos animais.

Também o exemplo da famosa figura paleolítica de uma mulher nua conhecida como Vênus de Laussel, nos vem a lembrança. Esculpida em baixo-relevo na parede de um refúgio em rocha no sul da França, como a figura central do que aparentemente era um santuário de caça, ela tem os quadris e os seios grandes, típicos das figuras femininas das primeiras manifestações artísticas da Idade da Pedra e tem na mão direita um chifre de bisão, erguido até a altura do ombro. A esquerda está colocada sobre seu ventre saliente. Restavam suficientes traços de ocre (terra fina com argila e óxido de ferro) quando ela foi encontrada, para mostrar que havia sido pintada de vermelho.



O abade Breuil, que é a principal autoridade do mundo na arte rupestre das cavernas francesas, atribui essas manifestações da mitologia da caça a um período extremamente remoto, ou seja, o Aurinhacense e o Perigordiano, os quais, segundo as datas em geral reconhecidas para essa arte, seriam de 30.000 a.C.

Nas paredes de muitas cavernas paleolíticas, além do mais, foi descoberta a impressão dos contornos das mãos dos participantes dos ritos.

AS CAVERNAS PALEOLÍTICAS

I. OS XAMÃS DA GRANDE CAÇA

No amplo e multicompartimentado santuário da idade da caça de Lascaux – que foi denominado “a Capela Sistina do Paleolítico” – uma experiência da divindade tornou-se manifesta, não como em Chartres ou no Vaticano, em configurações humanas (antropomórficas), mas em animais (teriomórficas). Acima, nos tetos abobadados, há touros fantásticos saltando, e nas paredes rústicas abundam cenas de animais que dão à imensa caverna a aparência de um conjunto de campo de caça feliz: um rebanho de machos, aparentemente nadando numa corrente; manadas de cavalos trotadores de uma

espécie corpulenta e lanosa, com fêmeas prenhes cheias de vida e movimento; bisões de um tipo que não existe na Europa há milhares de anos. E entre esses rebanhos magníficos há uma figura muito curiosa e cativante: uma forma animal que não pode ter existido no mundo mesmo na idade paleolítica. Dois longos chifres retos surgem de sua cabeça, como as antenas de um inseto e a barriga preñhe pende quase até o chão. É um animal-mago, a manifestação dominante de toda essa visão miraculosa.



Além disso, no fundo do poço ou cripta, abaixo do nível principal do piso da caverna – um lugar muito difícil e complicado de se atingir – há outra pintura estranha da mágica da caça, ainda mais sugestiva do mistério dessa catedral da Idade da Pedra. Lá embaixo há um grande bisão macho, eviscerado por uma lança que lhe traspassou o ânus e saiu pelo seu órgão sexual, diante de um homem prostrado. Este (a única figura grosseiramente desenhada e a única figura humana da caverna) está tomado por um transe xamanista. Ele usa uma máscara de pássaro; seu falo, ereto, aponta para o touro traspassado; uma vara de arremesso jaz no chão a seus pés e a seu lado está plantada uma vara ou bastão, tendo na ponta a imagem de um pássaro.



Esses exemplos são suficientes para sugerir um contexto simbólico plausível. O primeiro, deve se notar que os chifres curiosos do estranho animal-mago no compartimento superior da grande caverna, entre os fantásticos animais daquele feliz campo de caça, são exatamente iguais na forma às varas retas usadas como chifres pelos executores de muitos ritos australianos do terreiro de dança dos homens. Quanto ao segundo, o pênis ereto do xamã prostrado de Lascaux, bem como a posição da lança, atravessando o ânus do touro e emergindo do pênis, é exatamente igual a magia negra ou hostil dos povos aborígenes australianos a qual é predominantemente fálica.



A figura prostrada com cabeça de pássaro e o curioso animal farejante da caverna superior, não são, de maneira alguma, as únicas evidências da presença e importância dos xamãs no período Paleolítico das grandes cavernas.

De fato, não menos de cinquenta e cinco figuras desse tipo foram identificadas entre os rebanhos abundantes e animais de pasto das várias cavernas. Elas tornam praticamente certo que naquele remoto período da nossa espécie as artes do feiticeiro, xamã ou mago, já eram bem desenvolvidas. Na verdade, as próprias pinturas eram um complemento dessas artes, talvez até mesmo o seu sacramento principal; pois é certo que elas eram associadas com a magia da caça e, no espírito daquele princípio da participação (ou, para usar o termo de Piaget, indissociação) mística, seu aparecimento nas paredes equivalia a uma conjuração do princípio eterno, essência, imagem numêmica ou ideia do rebanho dentro do santuário, onde ele pudesse ser influenciado pelo rito.

Alguns animais são mostrados com setas nos flancos ou como se atingidos por bumerangues e porretes. Outros, esculpido em paredes mais macias, estão cobertos de buracos feitos por dardos arremessados com força. Isto lembra as imagens de cera da bruxaria popular, para as



quais um nome é invocado, e são então perfuradas por agulhas ou colocadas para derreter junto de um fogo, para que a pessoa morra.

Também é interessante notar que na maioria das cavernas os animais estão gravados um por cima do outro, sem nenhuma consideração pelo efeito estético. Obviamente, o propósito não era a arte como hoje a entendemos, mas a magia. E por razões que não podemos imaginar, acreditava-se que as pinturas eram efetivas apenas em certas cavernas e em certas partes delas. Essas pinturas foram revivificadas ali, ano após ano, por centenas de séculos. E sem exceção, esses lugares mágicos estão longe das entradas naturais das grutas, bem no fundo de corredores e câmaras, de maneira que antes de



chegar a eles tem-se que sentir a força total do mistério da própria caverna. Alguns dos labirintos têm mais de 800 m. de profundidade; todos abundam em corredores secretos e enganosos e súbitas quedas perigosas. Sua absoluta escuridão cósmica, seu silêncio, suas extensões internas imensuráveis e sua distância infinita de qualquer interesse e exigência da esfera normal e alerta da consciência humana podem ser sentidos mesmo hoje – quando a luz do guia se apaga. Os sentidos, subitamente, ficam amortecidos; os milênios desaparecem, e a mente fica imóvel reconhecendo o mistério além do pensamento, que não exige nenhum comentário e que foi sempre conhecido (e temido), embora jamais tão fortemente sentido antes. E então, subitamente, uma surpresa, um choque visual, uma estampagem que jamais será esquecida.

Vamos entrar no grande complexo de passagens e câmaras iniciatórias, descobertas alguns dias antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, 18 m abaixo da superfície do solo de propriedade do Conde Henri Bégouën e seus três filhos, em Montesquieu-Avantes (Ariège), nos Pirineus. O conde chamou o labirinto de “Trois Frères” (Três Irmãos), em homenagem a seus filhos que o encontraram. Os corredores, descidas, subidas e amplos salões contêm cerca de quatrocentas ou quinhentas pinturas e gravuras rupestres, de muitas das quais ainda não foram publicadas reproduções. Mas o trabalho paciente, ano após ano, do Abade Breuil, decalcando, decifrando e desemaranhando as figuras, interpretando-as e fotografando-as, já revelou uma galeria tal, que podemos considerar aquela caverna como o tesouro mais rico em vestígios da experiência ritual e tradição mitológica do período Paleolítico Tardio descoberto até hoje. Ele está separado por um declive de rocha no subsolo da gruta adjacente de Tuc d’Audoubert. Tuc d’Audoubert foi descoberto pelo conde e seus filhos apenas dois anos antes de terem entrado no País das Maravilhas de Alice de Trois Frères, e esses dois sistemas subterrâneos juntos, compreendendo no mínimo 1.600 m de caminhos labirínticos, devem ter constituído, no longo período de seu uso, um dos centros mais importantes de magia e religião – senão, de fato, o maior – do mundo. O período em que foram usados, a propósito, foi de pelo menos vinte mil anos.

O conde e seus filhos, em 20 de julho de 1914, estavam a caminho através de uma vasta campina, para fazer uma visita à caverna que tinham descoberto dois anos antes, quando procuraram a sombra de uma árvore para refrescar-se, e um camponês ao passar, percebendo o desconforto deles, sugeriu que fosse ao *trou souffleur*, onde um vento fresco vinha do solo mesmo nos dias mais quentes. Tendo em mente as cavernas, eles seguiram a direção indicada e encontraram o “buraco de vento” atrás de uma moita de arbustos. Os rapazes o ampliaram e um deles desceu preso a uma corda que tinha trazido para sua outra aventura. Ele foi descendo cada vez mais fundo e quando parou tinha descido cerca de 18 metros achando “Uma caverna totalmente nova!” Com centenas de pinturas! Entretanto, a guerra eclodiu em um mês e foi apenas em 1918 que a

exploração da caverna pôde ser concluída e o Abade Breuil foi convidado a iniciar seu estudo.

O Abade Breuil publicou uma bela série de decalques e fotografias desse importante santuário. O estilo é sempre estável e cheio de vida – com um espírito, como observou o Prof. Kühn, comparável aos dos melhores traços impressionistas.

Nessa câmara subterrânea de Trois Frères os animais não estão pintados nas paredes, mas gravados – congelando por milênios os movimentos, saltos e aspectos do reino animal, em um tumulto prolífico de vida eterna. E acima de todos eles, predominando – na extremidade do santuário, a cerca de 5 m acima do nível do chão, numa abside íngreme rochosa, observando, fitando o visitante com olhos penetrantes, está o famoso “Feiticeiro de Trois Frères”. Presidindo de modo impressionante os animais ali reunidos em quantidades incríveis, ele está equilibrado de perfil em um movimento de dança; mas a cabeça dotada de chifres está de frente para o salão. As orelhas pontudas são as de um veado; os olhos redondos sugerem os de uma coruja; a barba abundante descendo até o peito do animal é a de um homem, bem como as pernas que dançam; a imagem tem a cauda espessa de um lobo ou cavalo selvagem e a posição do proeminente órgão sexual, situado abaixo da cauda, é o da espécie felina – talvez um leão. As mãos são as garras de um urso. A figura tem 75 cm de altura e 33 cm de largura. “Uma imagem misteriosa, emocionante”, escreveu o Prof. Kühn. Além do mais, é a única figura pintada (com tinta preta) do santuário, o que lhe dá uma ênfase muito mais forte do que todas as outras.



Várias teorias sustentam o significado desta imagem pintada. Para o autor desse texto o que sustenta o fato de um homem arrastando-se sobre a barriga através de um túnel de 40 m de comprimento até chegar a câmara onde esta figura foi feita é a suposição de que essa câmara e toda a caverna fosse um centro importante de magia de caça; que essas pinturas tivessem um propósito mágico; que as pessoas que a guardavam devam ter sido magos altamente qualificados e de alta hierarquia (poderosos em termos de reputação, pelo menos, se não de fato), e que o que quer que tenha sido feito naquela caverna tenha pouco a ver com uma necessidade de auto-expressão.

Para o Abade Breuil o chamado “Feiticeiro de Trois Frères” é um deus, ou manifestação de um deus, que, na verdade, pode também ter-se corporificado em alguns dos próprios xamãs durante o curso dos ritos. Assim, o xamã passa a ser um veículo de poder divino. Ele não representa o deus, mas é o deus.

A primeira característica das grandes cavernas, que são de importância suprema para o nosso estudo, é o fato de que essas grutas profundas e labirínticas não eram lugares de moradia, mas santuários. As figuras enigmáticas pintadas nas criptas e recônditos mais profundos das cavernas, quase com certeza, guardam em seu silêncio os mitos da fonte última da eficácia mágica desses magníficos santuários.

As moradas das pessoas, por outro lado, eram ou em cavernas rasas e sob as saliências dos rochedos, ou nas planícies abertas, em vários tipos de abrigo. Sob muitas saliências de rochedos foram encontrados abundantes vestígios da vida na antiga Idade da Pedra.

II. NOSSA SENHORA DOS MAMUTES

Enquanto nas pinturas rupestres das cavernas pleistocenas prevalecem as formas animais, o principal tema de interesse entre os vestígios escultóricos do mesmo período era a forma feminina; e enquanto as relativamente raras figuras masculinas encontradas entre as pinturas de animais são mascaradas ou modificadas de maneira a sugerir seres mitológicos e façanhas mágicas, as estatuetas femininas, esculpidas em osso, pedra ou marfim de mamute, são nuas e simplesmente de pé. Muitas são obesas ao extremo e entre estas, algumas são estilizadas de maneira notavelmente “moderna” para dar uma ênfase dramática e, sem dúvida, simbolicamente planejada – aos quadris largos, ao triângulo púbico e aos seios fartos. Em contraste com as formas masculinas nas pinturas, elas jamais são mascaradas ou modificadas para sugerir animais, embora entre as cento e trinta e tantas encontradas, apenas duas pareçam estar vestidas com algo que pode indicar trajes xamanistas. As outras simplesmente são. De fato, alguns pesquisadores interpretaram as pequenas “Vênus” impudentes como erótica paleolítica. Mas, como muitas foram encontradas expostas em santuários, hoje se tem certeza de que eram objeto de culto. Sem exceção, faltam-lhes pés, pois estavam fincadas eretas no chão; poucas foram, na verdade, encontradas in situ. E assim podemos dizer que no período Paleolítico, exatamente como na idade muito posterior das primeiras sociedades agrícolas do Oriente Próximo, o corpo feminino era vivenciado em sua própria natureza como um foco de força divina, e que um sistema de ritos era dedicado a seu mistério.



Tais ritos seriam, entretanto, de um culto de mulheres, de homens, ou de ambos? Seriam complementares, incompatíveis ou simplesmente dissociados dos ritos das cavernas? Seriam derivados da mesma província ou estrato da vida na antiga Idade da Pedra, como os rituais das cavernas, ou representavam algum sistema totalmente estranho?

Leo Frobenius foi o primeiro, acredito, a sugerir – baseado na distinção fundamental entre as províncias da floresta tropical (onde abundam todos os tipos de madeira e a arte da escultura em madeira floresce com vigor até hoje) e as estepes temperadas e desertos (onde o principal material é a pedra e a arte habitual é a das linhas gravadas ou riscadas sobre superfícies de duas dimensões) – que a arte glíptica aurinhacense das estatuetas deve ter recebido seu impulso original das regiões sulinas de escultura em madeira e marfim. O Prof. Menghin, em sua *World History of the Stone Age* (História Mundial da Idade da Pedra), também vê uma provável relação entre essas estatuetas femininas e o mundo dos agricultores tropicais. Elas representam, sugere o autor, a mesma deusa-mãe que se tornaria tão claramente visível nas civilizações agrícolas posteriores do Oriente Próximo e tem sido celebrada em toda parte como a Magna Mater e Mãe Terra.

Mas há outra abordagem da mesma ideia elementar, que não invoca a ideologia étnica dos agricultores. Pois não são as mães igualmente mães tanto nas margens do Yenisei quanto no Congo? Como Franz Hancar observou em seu artigo “Sobre o Problema das Estatuetas de Vênus no Paleolítico Superior Eurasiano”, figuras humanas

de madeira de lariço e álamo são esculpidas até hoje entre os caçadores de rena da Sibéria – os ostíacos, iacutos, goldonianos, etc., para representar o ponto de origem ancestral de todo o povo, e elas são sempre femininas. A choupana é confiada à pequena figura quando seus ocupantes saem para a caça, e, quando retornam, eles lhe servem aveia e gordura, rezando: “Ajude-nos a preservar a saúde! Ajude-nos a caçar muitos animais!” “O fundo psicológico da ideia”, sugere o Dr. Hancar, “provém do sentimento e reconhecimento da mulher, especialmente durante a gravidez, como centro e fonte de uma força mágica efetiva.” “E do ponto de vista da história do pensamento”, ele então observa, “essas estatuetas de Vênus do Paleolítico Tardio chegam até nós como a mais antiga expressão conhecida daquela ideia ritual imortal, que vê na Mulher a corporificação do princípio e continuidade da vida, bem como o símbolo da imortalidade daquela matéria terrena que é em si informe, mas que ainda assim veste todas as formas.”

Não pode haver dúvida de que nas idades mais remotas da história humana, a força mágica e o milagre da mulher não constituíam menos mistério que o próprio universo, e isso deu à mulher um poder prodigioso, o qual tem se constituído numa das principais preocupações da população masculina no que diz respeito a tentar quebrá-lo, controlá-lo para seus próprios fins. É, de fato, notável que tantas raças de caçadores primitivos conservem a lenda de uma idade ainda mais primitiva que as suas próprias, na qual as mulheres eram as únicas dotadas de poderes mágicos.

O Padre W. Schmidt e seus colegas acharam necessário distinguir três tipos ou estágios básicos na sociedade primitiva.

- O primeiro é o dos povos mais simples conhecidos pela ciência da etnologia: os *pequenos yahgans* (yamanas) dos estreitos e enseadas do limite sul do agreste Terra do Fogo; um número de tribos extremamente primitivas e dispersas da Patagônia e Califórnia Central; os esquimós caribus do norte do Canadá; os pigmeus do Congo e das Ilhas Andaman e os Kurnais do sudeste da Austrália. As circunstâncias etnológicas desses povos humildes, vivendo da caça, da pesca e da coleta de alimentos, não dão ênfase a uma origem patriarcal nem matriarcal; antes, prevalece uma igualdade essencial entre os sexos, cada um realizando suas tarefas devidas sem atribuir-se quaisquer privilégios especiais ou direitos particulares de mando. Interesses especiais, tribais ou grupais, não estão no primeiro plano dos ensinamentos, pois o sentimento tribal em tais grupos não é muito desenvolvido – a unidade social típica é um mero aglomerado de vinte a quarenta famílias, cujo principal problema social dificilmente vai além do viver juntas em harmonia, conseguir alimento suficiente para comer durante o dia e inventar jogos com os quais divertir-se após o anoitecer.

- O segundo estágio ou tipo de sociedade primitiva reconhecido por essa escola de etnologia histórico-cultural é o dos grandes grupos totêmicos de caça, com seus sistemas de clãs primorosamente desenvolvidos, faixas etárias e tradições tribais de rituais e mitos. Exemplos de tais tribos abundam nas planícies da América do Norte e nos pampas da América do Sul, bem como nos desertos da Austrália. As mulheres são excluídas. Uma considerável ênfase é colocada no papel e autoridade dos homens, tanto na organização religiosa quanto política da comunidade. Há uma evidente unilateralidade em favor do macho nessas sociedades de caçadores altamente organizadas, onde a influência da mulher é confinada – quando existe – à esfera doméstica.

- O terceiro tipo ou estágio de organização social quase totalmente oposto ao das tribos caçadoras é aquele desenvolvido na esfera das culturas hortícolas tropicais. Pois naquelas regiões eram as mulheres, não os homens, que desfrutavam das vantagens mágico-religiosas e sociais, sendo elas as responsáveis pela transição da coleta de plantas para o cultivo de plantas.

Nas sociedades elementares do primeiro tipo, os homens em geral são caçadores e as mulheres coletoras de raízes, bagas e larvas de várias espécies, rãs, lagartixas, escaravelhos e outras guloseimas. Sociedades do segundo tipo evoluíram em regiões

onde uma caça abundante propiciou um desenvolvimento hercúleo da arriscada arte da caça, enquanto as do terceiro tipo se formaram onde as principais fontes de alimentação eram as plantas. Ali, eram as mulheres que se mostravam superiores: elas eram, não apenas as que geravam e criavam os filhos, mas também as principais produtoras de alimentos. Ao perceberem que era possível cultivar plantas, bem como colhê-las, elas valorizaram a terra e tornaram-se, conseqüentemente, suas proprietárias. Dessa maneira conquistaram poder e prestígio tanto econômico quanto social, e o sistema matriarcal tomou forma.

Os homens, em sociedades desse terceiro tipo, eram quase supérfluos e se, como afirmam algumas autoridades, eles não tinham nenhum conhecimento da relação entre o ato sexual e a gravidez e parto, podemos muito bem imaginar a dimensão de seu complexo de inferioridade. Não é de surpreender, portanto, que, como reação, sua imaginação vingativa tenha criado asas.

Algo de tal batalha floreada na contínua guerra dos sexos, traduzida e sustentada pela mitologia, deve estar por trás do completo desaparecimento das estatuetas femininas no cenário europeu no final do período Aurinhacense ^(Paleolítico superior, c. 38.000 a.C – 29.000 a.C.). Neste período, o bisão já havia suplantado o mamute como principal objeto de caça, mas entre as tribos para as quais ela foi esculpida, a mulher nua aparentemente ainda não tinha sido substituída, em seu papel mágico, pelo xamã mascarado. Observamos que no santuário de Laussel, no sul da França, foram encontradas três formas femininas (uma, aparentemente, no ato de dar à luz), bem como uma série de representações dos órgãos femininos. O abrigo na rocha, além disso, era um espaço habitável. O culto envolvido não era o das grandes e profundas cavernas-templo, e o fato de a maior parte das figuras do local estarem despedaçadas, a um ponto de não poderem ser reconstituídas, pode indicar que houve um ataque planejado para quebrar o seu poder. A sugestão não é nada fantasiosa: foram encontrados outros exemplos de tais ataques a objetos mágicos de acampamentos paleolíticos. Mas, seja por algum processo mais brando de transformação cultural ou por uma violência do massacre que acabou com a época da magia das mulheres, permanece o fato de que no extremo oeste do amplo domínio paleolítico da Grande Caça – que se estendeu da serra da Cantábria, no norte da Espanha, até o lago Baikal no sudeste da Sibéria – as primeiras raças da espécie Homo Sapiens de que temos algum registro, promoveram uma mudança da vagina para o falo na sua magia.

As estatuetas femininas são os exemplos mais antigos de “imagem de culto” que possuímos e eram, aparentemente, os primeiros objetos de adoração da espécie Homo sapiens.

A famosa Vênus de Willendorf (sul da Áustria) é uma pequena fêmea



extremamente corpulenta, com cerca de 11 cm de altura, sustentando-se sobre pernas lamentavelmente inadequadas, com braços finos como costelas descansando levemente sobre seios abalados. Outro exemplo igualmente famoso do tema é uma figura esculpida, elegante e muito estilizada, das Grutas de Grimaldi, perto de Menton (na costa mediterrânea, cerca de 8 km a oeste de Mônaco); enquanto uma fabulosa pequena obra-prima em marfim de mamute, com 14 cm de

altura, de Lespugue, departamento de Haute-Garonne, ainda mais arrojada em sua estilização, apresenta uma figura com ombros graciosamente inclinados, mas com seios enormes, chegando até as virilhas. Uma segunda imagem das Grutas de Grimaldi, também esculpida no estilo “moderno”, é tanto esteatopígica quanto proeminentemente grávida. Contudo,



nem todas as estatuetas são do tipo corpulento. Algumas são poucas mais que lascas de presas de mamutes com os símbolos do gênero feminino riscados sobre elas.

Uma importante descoberta foi feita em 1930 na região do Dnieper (Rússia), em



um lugar conhecido como Yeliseevici, na margem direita do rio Desna, entre Bryansk e Mglin. Ela consistiu de um amontoado de crânios de mamute arranjados em forma de círculo e, entre eles, uma série de presas, algumas placas de marfim de mamute riscadas com desenhos geométricos sugerindo as formas de habitações, outras com figuras de peixes e sinais simbólicos e, finalmente, uma estatueta de Vênus que mesmo sem a cabeça que perdeu, tinha cerca de 15 cm de altura: Nossa Senhora dos Mamutes, realmente in situ.

Em outro local da região – Timovka – a aproximadamente 4 km ao sul de Bryansk e num alto declive que dá para o rio, onde se agrupavam seis grandes habitações, quatro armazéns e duas oficinas de confecção de pederneiras, foi encontrado um pedaço de presa de filhote de mamute em forma de falo, e com o desenho de um peixe geometricamente estilizado. Outro pedaço mostrava um desenho rombóide. E mais uma vez, ainda mais ao sul e também na margem direita do Desna, aproximadamente a meio caminho entre Bryansk e Kiev, uma escavação excepcionalmente rica, conhecida como Mezin, revelou além de algumas pulseiras de marfim de mamute gravadas com desenhos sinuosos e ziguezagueantes e um pingente em marfim de mamute em forma de dente, dois pequenos animais sentados, grosseiramente esculpidos, seis pássaros em marfim de mamute extraordinariamente bonitos, tendo de 4 a 10 cm de comprimento, e dez estatuetas curiosamente estilizadas, também em marfim de mamute, que foram identificadas às vezes como nus femininos (Abade Breuil), outras, como cabeças de pássaros de longos bicos (V.A. Gorodvoc) e outras, como falos (F.K. Volkov, o descobridor do local).



É impossível não sentir, ao se rever o material dessas estações de caça de mamute nas planícies loesses ao norte dos mares Negro e Cáspio, que estamos em uma província fundamentalmente diferente em estilo e mitologia da dos caçadores das grandes cavernas pintadas. O centro mais rico desse estilo mais oriental parece ter sido a região entre as formações do Dnieper e do rio Don (ambos na Rússia), pelo menos até onde chegam as indicações das descobertas realizadas até hoje. A arte não era, como a das cavernas impressionista, mas geometricamente estilizada, e a figura principal não era a do xamã mascarado, a um só tempo animal e homem, mestre dos mistérios das cavernas-templo, mas a da fêmea fértil, completamente nua, postada como guardiã do lar.

O local de descoberta mais fascinante e atordoante de todos (que sugere mais questões do que me é possível enumerar neste capítulo) é Mal'ta (Sibéria central, Rússia), na região do lago Baikal, a aproximadamente 88 km a noroeste de Irkutsk, no rio Byelaya. Justamente ali, lembramos, estão hoje os principais centros de xamanismo – de onde já tomamos conhecimento da mãe-animal, por quem o xamã é alimentado durante o período misterioso de sua iniciação.

Ali foram encontradas nada menos que vinte estatuetas femininas em marfim de mamute, de 3 cm até 12 cm de altura, uma representada como se estivesse vestida com

pele de leão de caverna e as outras nuas. Na Índia e Oriente Próximo o animal de montaria comum da deusa era o leão; no Egito, Secmet era uma leoa, e nas artes, tanto dos hititas quanto dos modernos iorubas da Nigéria, a deusa equilibra-se sobre o leão, aleitando seu filho.

Uns catorze túmulos de animais foram encontrados em Mal'ta: seis de raposa ártica; seis de veado, em ambos os casos faltando os traseiros e os chifres (sugerindo que os animais devem ter sido esfolados antes de serem enterrados, talvez para fornecer vestimentas xamanistas); um contendo a cabeça e o pescoço de um grande pássaro, e um com uma pata de mamute. E finalmente, e mais notável, o esqueleto de uma criança raquítica de quatro anos, acompanhada de abundante ornamentação em marfim de mamute.

O pequeno esqueleto foi encontrado deitado de costas, em posição fetal ou curvada, mas com a cabeça voltada para a esquerda e de frente para o leste, o ponto de nascimento, ou renascimento, do sol. Sobre o túmulo, havia uma grande presa de mamute, e dentro dele muitos vestígios de sepultamento altamente cerimonioso. Dentro do túmulo foi encontrada uma grande quantidade de material vermelho para colorir – uma descoberta comum nos locais paleolíticos, bem como nos cemitérios do complexo Adena norte-americano – e circundando a cabeça havia uma delicada coroa ou tiara de marfim de mamute. A criança tinha usado, também, um bracelete do mesmo material e um fino colar de seis contas octogonais e cento e vinte lisas, de marfim, do qual pendia um pingente decorativo em forma de pássaro.



Estamos claramente em uma província paleolítica, onde o tema do renascimento já constitui uma constelação simbólica, unida à imagética da deusa em seu papel clássico de protetora do lar, senhora das coisas selvagens e do suprimento de víveres. Aqui ela é a padroeira da caça, da mesma forma entre os agricultores ela é a padroeira dos campos e das colheitas. Do lago Baikal aos Pirineus, se estabeleceu um continuum de uma mitologia dos caçadores de mamute, na qual a imagem suprema era a deusa nua.

III. O MESTRE URSO

Os ainos das ilhas do norte do Japão – Hokkaido, Sakhalin e Kurilas, são um povo semi-nômade, paleo-siberiano caçador e pescador, mas ao tempo um povo neolítico horticultor, com a maravilhosa ideia de que o mundo dos homens é tão mais belo do que o dos deuses que as divindades gostam de vir aqui nos visitar. Em todas as ocasiões, disfarçam-se. Animais, pássaros, insetos e peixes são tais deuses visitantes: o urso é um deus da montanha; a coruja, um deus da aldeia; o delfim, um deus do mar. As árvores, também, são deuses na terra; e mesmo as ferramentas que os homens fazem tornam-se deuses, se devidamente forjados. Espadas e outras armas, por exemplo, podem ser deuses, e usar uma delas como proteção dá força. Mas de todos esses, o mais importante visitante divino é o urso.

Emil Bächler, entre 1903 e 1927, escavou três cavernas dos Alpes setentrionais (Suíça): a primeira, Wildkirchi, entre 1903 e 1908; a segunda, Drachenloch, entre 1917 e 1922, e a última, Wildermannlisloch, de 1923 a 1927. Seus restos foram considerados pertencentes ao período Interglaciário (Riss-Würm) o mais tardar, o que quer dizer, não posteriormente a 75 000 a.C.

E o que foi encontrado?

Carvão vegetal, pederneiras de estilo pré-musteriano, pisos de laje, bancos, mesas e altares para o ritual do urso – os primeiros altares de qualquer tipo encontrado até hoje, ou de que se tem conhecimento no mundo.

As muretas de pedra, em Drachenloch e Wildermannisloch, com até 80 cm de altura, formavam uma espécie de receptáculo, dentro do qual uma grande quantidade de crânios de ursos de caverna foi cuidadosamente arranjada. Alguns tinham pequenas pedras dispostas em volta deles. Outros foram colocados sobre lajes; um, muito cuidadosamente localizado, tinha os ossos longos de um urso de caverna (sem dúvida seus próprios) colocados abaixo do focinho; outro tinha os ossos longos varando-lhe as órbitas.



A caverna da Alemanha, Petershöhle, perto de Velden, explorada por Konrad Hörmann de 1916 a 1922, tinha nichos em forma de armário nas paredes, contendo cinco crânios de ursos de caverna – e novamente os ossos longos.

É preciso que lembremos que o urso de caverna, apesar de todo o seu tamanho, não era um animal extremamente perigoso. Em primeiro lugar, ele não era carnívoro, mas herbívoro e, em segundo, como todos os ursos, tinha que dormir no inverno. Mas durante a Era Glacial os invernos eram longos. Os ursos entravam nas cavernas para dormir e, uma vez ali, podiam ser facilmente mortos. Na verdade, uma tribo de homens vivendo na parte da frente de uma caverna com alguns ursos dormindo na parte de trás teria lá uma espécie de alimento vivo congelado.

Portanto, e finalmente, neste prodigioso abismo do passado, vamos visitar uma série de túmulos humanos que são, como os altares, os mais antigos encontrados até hoje.



No sul da França, numa caverna em La Ferrassie, na Dordonha, foram desenterrados os restos de dois adultos neandertalenses e duas crianças, que foram cerimonialmente sepultados. Um dos adultos, provavelmente uma mulher, tinha sido colocada de costas em um buraco cavado no chão, com as pernas pressionadas contra o corpo e os braços dobrados sobre o peito. O outro adulto, também deitado de costas, com as pernas flexionadas, não estava encerrado num buraco, mas sobre o chão, com a cabeça e os ombros, entretanto, protegidos por lajes de pedra. As duas crianças, deitadas de costas, estavam em túmulos rasos. E perto delas havia um buraco cheio de ossos e cinzas de um boi selvagem, restos de algum sacrifício.

Também na Dordonha, em Le Moustier, um jovem de dezesseis anos tinha sido enterrado em posição de dormir, com a cabeça apoiada no antebraço direito, sobre uma bem arrumada pilha de fragmentos de pederneira. Dispostos em volta dele havia ossos partidos e carbonizados de animais selvagens, enquanto ao lado de sua mão havia um excepcionalmente perfeito machado de estilo musteriano inicial ou aqueliano tardio.

E mais uma vez na Dordonha, em La Chapelle-aux-Saints, foi descoberto um indivíduo de cerca de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, colocado numa pequena cavidade natural, na posição leste-oeste, acompanhado de um certo número de conchas, algumas pederneiras musterianas e os restos de um rinoceronte lanoso, um cavalo, uma rena e um bisonte.

O mistério da morte havia, então, sido alcançado e enfrentado, tanto para os animais mortos na caça quanto para o homem. E a resposta encontrada foi aquela que vem dando amparo aos que procuram amparo desde aquela época, ou seja: “Nada morre;

nascimento e morte não passam de um cruzar o limiar, de um lado para o outro, como se fosse através de um véu”.

Não sabemos a que estrutura mitológica essa ideia elementar foi incorporada no remoto período Musteriano-Neandertalense da Dordonha; mas a sepultura em La Chapelle-aux-Saints, orientada para o nascer e pôr do sol, certamente mostra que algum tipo de simbolismo solar já tinha sido desenvolvido, enquanto os animais sacrificados sugerem que algo como uma difícil jornada deveria ser enfrentada; ou talvez, como as oblações ao urso aino que partia, eles fossem antes lembranças a serem levadas consigo como presentes honrosos.

O Conde Bégouën e N. Casteret descobriram uma caverna perto de Montespan, departamento de Haute-Garonne, onde numa grande câmara no final de um corredor, havia uma forma de animal feita de barro. Tinha sido grosseiramente modelada, sem preocupação com detalhes, mas estava numa posição agachada e com as patas dianteiras estendidas, e se distinguia, outrossim, pelo fato de não ter cabeça. A coisa toda era desajeitada e modelada mais ou menos à maneira dos bonecos de neve que as crianças fazem. Ela não mostrava nada da elegância, por exemplo, dos dois bisões da caverna de Tuc d'Audoubert, que também foram feitos de barro. Mas nem a rusticidade da obra poderia explicar a falta da cabeça. Ela não poderia ter caído, pois o pescoço mostrava uma superfície lisa, levemente inclinada e cortada, com a mesma pátina do restante da forma, causada pelo tempo.



Além do mais, havia um furo no centro dessa superfície, como um canal entrando no pescoço, curvado de maneira a sugerir que uma vara com algum peso na ponta poderia ter sido enfiada. E a isso somava-se ainda o fato de que toda a forma em seu contorno geral e, em particular, na disposição dos membros e na cernelha alta, forte e arredondada, sugeria a representação de um urso, pois entre as patas dianteiras havia, deitado, um crânio de urso.

Os descobridores desse achado extraordinariamente importante indicaram no seu primeiro relatório (1923) que ali tínhamos a prova de um culto ao urso no Paleolítico Superior (isto é, no período das pinturas madalenianas); que sob certas condições a verdadeira cabeça de um urso abatido deve ter sido anexada ao torso; que o crânio encontrado entre as patas dianteiras era obviamente a evidência de tal costume, e, finalmente, que a forma tosca e desajeitada da coisa apontava para uma conclusão específica, ou seja, que a peça tinha servido como forma de apoio à recém esfolada pele de urso com a cabeça ainda presa.

IV. AS MITOLOGIAS DOS DOIS MUNDOS

Um prodigioso continuum foi identificado, provindo, no mínimo, do período Interglaciário Riss-Würm, por volta de 200.000 a.C. Ele está representado, nas suas mais antigas formas conhecidas, nas cavernas das altas montanhas de Neandertal na Alemanha e Suíça, mas também, milênios mais tarde, nas cavernas do *Homo sapiens* do sul da França.

A ideia central parece ser que não existe essa coisa da morte, mas simplesmente, como dissemos, um ir e vir de um indivíduo imortal através de um véu. Os objetos funerários e animais sacrificados encontrados nos túmulos na Dordonha, em La Ferrassie, Le Moustier e La Chapelle-aux-Saints, certamente indicam algo similar no período de Neandertal. E embora não saibamos se túmulos desse tipo eram comuns ou incomuns na

época, o fato que persiste, nesses casos pelos menos, é que a vida além da morte era visualizada.

Muitos outros temas emergem também da evidência examinada. A orientação leste-oeste do esqueleto em La Chapelle-aux-Saints aponta para uma referência solar, como ocorre igualmente com a posição do menino raquíptico de quatro anos primorosamente enterrado no túmulo muito posterior de Mal'ta. A posição agachada dos dois esqueletos de adultos de La Ferrassie, bem como a criança de Mal'ta, sugerem a posição fetal para renascer; embora, por outro lado, pudessem representar uma tentativa de prender o espírito para que ele não retornasse e aterrorizasse os que ficaram para trás.

A ARQUEOLOGIA DO MITO

LIMIARES MITLÓGICOS DO PALEOLÍTICO

I. O ESTÁGIO DO PLESIANTROPO (<600.000 a.C.>)

As descobertas africanas que mais recentemente vêm agitando os corredores da ciência são grosseiramente (muito grosseiramente) datadas do início do Plistoceno ou Era Glaciária, por volta de 600.000 a.C., e no Quinto Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, realizado na Universidade da Pensilvânia em 1956, o Dr. Raymond Dart, da Universidade Witwatersrand, de Johannes-burgo, África do Sul, expôs uma convincente série de slides que ilustrava os implementos dessa cultura pré-lítica (pré-Idade da Pedra). Eles incluíam os maxilares inferiores de grandes antílopes, que tinham sido partidos ao meio para serem usados como serrotes e facas; chifres de gazela com parte do crânio presa, mostrando diferentes sinais de desgaste por uso, possivelmente como ferramentas de escavação, e uma grande quantidade de palatos de homens-macacos com os dentes gastos. Mas os slides verdadeiramente sensacionais foram os que mostraram uma série de crânios de babuínos e homens-macacos, que tinham sido quebrados pelo golpe de um certo tipo de cacete. Todas as fraturas mostravam que haviam sido causadas por um instrumento com dois nós ou protuberâncias na ponta golpeante, e exigiu apenas uma pequena consideração da parte do Prof. Dart e de seus colaboradores para que eles suspeitassem que a provável causa dessa dupla moessa fosse a saliência na extremidade do osso da perna de uma gazela. Mas macacos não usam armas; *ergo*, o suspeito era um homem – ou pelo menos algum de tipo de proto-homem.

Os restos animais encontrados entre os ossos desses pequenos sujeitos de por volta de 600.000 a.C. foram principalmente de antílopes, cavalos, gazelas, hienas e outros animais das planícies – rápidos corredores, de maneira que a arte da caça deve ter sido consideravelmente desenvolvida. O Prof. Dart, além do mais, encontrou abundantes provas de uma prática de remoção de cabeças e caudas de certos animais mortos e sugere que as caudas podem ter sido usadas para sinalização na caçada. Talvez fossem! Mas e a remoção das cabeças? Será que os animais eram esfolados, e suas peles inteiras, com cabeças e caudas, usadas então em algum rito mágico para afastar o perigo de vingança sangrenta?

II. O ESTÁGIO DO PITECANTROPO (<400.000 a.C.>)

A primeira evidência do uso do fogo encontrada quase tão longe da África do Sul quanto se poderia desejar, na hoje famosa caverna Choukoutien, a cerca de 60 km de Pequim. Ali, em uma série de escavações entre 1921 e 1939, foi desenterrada uma impressionante coleção de ferramentas de pedra, crânios rachados, ossos partidos e

lareiras, no que havia sido a toca de uma espécie de homem-macaco com um cérebro cuja capacidade era de cerca de novecentos centímetros cúbicos; o que quer dizer, a meio caminho entre o homem de hoje (1.400-1.500 cm³). A maneira como alguns crânios foram abertos mostrou que alguém tinha feito furos neles com golpes e devorado seu conteúdo. Naquela caverna estavam, além do mais, os restos de milhares de animais que também tinham sido comidos pelo habitante ou habitantes, e os instrumentos de pedra eram machados grosseiros e grandes lâminas, semelhantes às que devem ter sido usadas como facas.

O canibal desta fria toca aquecida a fogo, o *Sinanthropus pekinensis*, Homem de Pequim (ou, como poderíamos apelidá-los, Prometeu, O Grande), era contemporâneo do famoso *Pithecanthropus erectus* de Java – “o homem macaco (*Pithecanthropus*) que anda ereto (*erectus*)”, conhecido também como Homem de Java ou Homem de Trinil – que, quando seus vestígios foram encontrados em 1891, foi aclamado por Haeckel e os outros profetas da evolução do século XIX como a própria figura do “elo perdido” de Darwin. Mas o mais notável na descoberta chinesa foi a evidência de fogo na caverna. Pois embora uma série de restos protu-humanos desse período em geral tenha sido encontrada em outras partes do mundo, Choukoutien foi a única com a evidência do fogo.

Temos que pensar no período nos termos amplos do cômputo geológico datando de alguma época do Plistoceno Médio – por volta de 500.000 – 200.000 a.C., nas grandes extensões do segundo período Glaciário (Mindel) e segundo Interglaciário (Mindel-Riss). Os principais vestígios hoje atribuídos a esse estágio do desenvolvimento da espécie humana são, primeiro, os do Pitecantropo e seu semelhante em Java, que agora inclui, além da descoberta original, um crânio grande e animalesco descoberto por Ralph Von Koenigswald na década de 1930, denominado *Pithecanthropus robustus*, bem como um imenso maxilar inferior, também encontrado em Java pelo mesmo pesquisador, que agora é chamado de *Meganthropus paleojavanicus*. Para serem classificados igualmente nesse período estão os restos de um crânio da África Oriental, apelidado *Africanthropus*.

Por volta da metade do segundo período Interglaciário (Mindel-Riss), a raça humana se expandiu da África, tanto para o norte, para a Europa, quanto para o leste, para o Sudeste Asiático, voltando-se então para o norte e subindo a costa do extremo leste.

Nenhuma evidência do homem paleolítico na América encontrada até hoje pode ser datada, mesmo negligentemente, como anterior ao terceiro período Interglaciário (Riss-Würm); mas novas descobertas durante os últimos anos vêm empurrando a data firmemente para trás. As estimativas conservadoras chegam agora até 35.000 a.C., e alguns até profetizam “que os próximos anos mostrarão presença do homem neste continente muito antes do ‘final do Plistoceno’”.

Mas tudo isso, de fato, está muito longe dos 400.000 a.C. do Homem de Pequim - o *Sinanthropus pekinensis* (ou, como anteriormente apelidado, Prometeu, O Grande). O pesado Prometeu, com suas sobranças espessas, seria o modelo perfeito do mundo de um materialista econômico (o que é mais ou menos o que se poderia esperar, considerando-se o tamanho do cérebro); pois não há nenhum sinal ou pista de obra de arte a ser encontrada nos trezentos mil anos de sua existência. Ele era um *Homo faber*, homem “fazedor” de ferramentas, por excelência. E a maneira pela qual sua habilidade se desenvolveu na tarefa não tão fácil de lascas pedras, desde os dias de suas primeiras ferramentas de seixos brutos até os de seus melhores machados sem cabo, revela que, apesar de todos os seus hábitos rudes e mesmo repulsivos, ele não era um completo estúpido. O centro principal da cultura humana continuava sendo a África. Ali, foi encontrada uma incrível abundância de ferramentas paleolíticas. De fato, algumas escavações (por exemplo, as de L.S.B. Leakey no desfiladeiro Olduvai no norte de Tanganica) revelaram, em perfeita sequência, cada estágio da evolução do machado

manual, das ferramentas de seixo das primeiras origens do homem até os machados finamente acabados e requintados do período de Neandertal.

III. O ESTÁGIO DO HOMEM DE NEANDERTAL (c. 200.000 – 75.000 / 25.000 a.C.)

O modelo da situação social das primitivas sociedades de difusão paleolítica primária, que eram seminômades, coletoras de alimentos e caçadoras de pequenos animais, nas regiões frias ao norte da cadeia montanhosa Elburs-Himalaia, penetradas pela raça Neandertal, por volta de 200.000 a.C., foi o de desafiar os rigores da terra do norte. A posse do fogo e a ideia de vestir peles animais para afastar o frio tornaram possível para as tribos de homens, aos que conseguiam penetrá-las, a vantagem da carne em abundância. O quadro não é mais o de uma grande quantidade de famílias dispersas de homens-macacos mentecaptos, mas de uma raça extraordinariamente vigorosa de seres humanos.

Não sabemos quais podem ter sido os métodos de caça desses homens de Neandertal. O arco e a flecha ainda não tinham sido inventados, mas o bumerangue ou arma de arremesso aparentemente já existia. A caça era perseguida com lanças de madeira com pontas de pedra, pedras de arremesso e bumerangues, enquanto os animais perseguidos e mortos eram o mamute, o rinoceronte, o cavalo selvagem, o bisonte, o gato selvagem, a rena, o veado, o urso marrom e o urso de caverna. Esses animais eram perseguidos a pé e enfrentados de perto. Não é difícil perceber por que a coragem e a resistência do macho nessas circunstâncias deveria resultar em considerável vantagem para ele.

IV. O ESTÁGIO DO HOMEM DE CRO-MAGNON (c. 30.000 – 10.000 a.C.)

A figura típica da época – a “marca registrada” da época, como Weinert a denomina é o Homem de Cro-Magnon, alto e ereto.

Quatro grandes divisões do Paleolítico Superior, a época culminante da Grande Caça, foram reconhecidas: a Aurinhacense, a Solutreana, a Madaleniana e a Capsitana.

A AURINHACENSE

Este é o grande período das estatuetas femininas paleolíticas e dos primeiros estilos de gravuras e pinturas rupestres. A arte mural é linear e um pouco rígida, mas de maneira alguma tosca ou incompetente.

Nas paredes de uma série de cavernas, foram encontradas marcas de garra do urso de caverna e observou-se que gravuras e pinturas aparecem perto dessas marcas. Portanto, podemos dizer que o Mestre Urso foi o primeiro instrutor dessa arte animal. Os contornos das mãos, coloridos ou não, aparecem igualmente nas paredes. Talvez as marcas de mãos tenham sido impressas nas paredes como imitação das marcas deixadas pelo urso.

As cavernas eram os locais de magia animal e ritos humanos. Elas são o próprio mundo subterrâneo, o reino dos rebanhos do mundo subterrâneo, do qual procedem e para o qual retornam os rebanhos do mundo superior. As mitologias dos mestres animais e do xamanismo, a jornada para o outro mundo por meio da cerimônia de sepultamento, os ritos de passagem dos homens, o renascimento e a dança mascarada inspiraram as liturgias dessa época brilhante.

As estatuetas femininas indicam, outrossim, que existia também uma mitologia da deusa. A deusa sugere um contexto mais estreitamente relacionado com as regiões tropicais da difusão primária – onde uma mitologia do agricultor, ou pelo menos o prelúdio de uma mitologia do agricultor deve ter-se formado a esta altura – do que com as cavernas.

A região clássica da arte das cavernas é o sudoeste da França e o norte da Espanha; já o das estatuetas estende-se dos Pirineus (cordilheira no sudoeste da Europa cujos montes formam uma fronteira natural entre a França e a Espanha.) até o lago Baikal (lago no sul da Sibéria, Rússia.).

A SOLUTREANA

O Solutreano foi um período frio e seco, quando as grutas protetoras e abrigos nas rochas foram abandonados em troca das planícies cobertas de grama, que agora substituindo a tundra, se tornaram a paisagem de um vasto e extenso mundo de animais de pasto e bandos de caçadores nômades. Do rio Dordonha (França) ao rio Mississipi (EUA) a caça ao mamute estava em seu apogeu.

Não mais encontramos imagens da deusa nos sítios arqueológicos do oeste da Europa, mas sua presença é acentuada ainda nas estações de caça das vastas terras do leste da Europa até a região do Baikal. Nessa época, o terreno comum da caça era enorme em extensão e livremente percorrido.

A MADALENIANA

Chega outro período frio e úmido e, na Europa, as estepes gramadas começam a ceder lugar às florestas de pinheiros. Com isso, os grandes rebanhos de animais de casco mudaram-se em direção ao norte da Ásia e, com eles, muitos dos caçadores; porém, nas cavernas-templo do sul da França e norte da Espanha pode-se reconhecer uma firme continuidade, unindo o Madaleniano com o Aurinhacense, como se o Solutreano intermediário houvesse sido apenas um episódio passageiro.

As formas animais da arte mural são agora magistralmente expressas num forte estilo artístico, com linhas fluentes e cores ricas, através de olhos que tinham observado os animais de uma forma que não se conhece até então, e mãos perfeitamente treinadas. Essa arte era mágica. E seus rebanhos são os rebanhos da eternidade, não do tempo – porém ainda mais reais e vivos que os animais do âmbito do tempo, por serem sua fonte sempre viva.

O Madaleniano é o período do bisonte macho e fêmea do santuário de Tuc d'Audoubert, do xamã dançarino de Trois Frères, do transe xamanista e sacrifício do bisonte de Lascaux e do sacrifício do urso de Montespan. A mitologia da Grande Caça está em perfeito florescimento.

Mas os novos animais de uma floresta invasora já começaram a aparecer entre os remanescentes – o veado vermelho, o cavalo da floresta, o alce e o gamo, de maneira que o apogeu das planícies está acabando. Os caçadores estão se voltando para os rios e mares; arpões de osso são feitos para caçar baleias e focas.

Uma série de motivos interessantes, descoberta nos túmulos, merece observação. Na gruta de Les Hôteaux, Ain, na França: um esqueleto coberto de implementos madalenianos, deitado de costas, pintado com ocre vermelho e com os ossos das coxas invertidos. Na gruta de Duruthy, em Sorde, Landes: um esqueleto com um colar e cinto de dentes de leão e de urso. Em Chancelade: o esqueleto com pernas relativamente curtas, altura não superior a 1,35 m, coberto com diversas camadas de artefatos madalenianos e membros flexionados tão apertadamente que devem ter sido envoltos em ataduras. E então, finalmente, em Oberkassel (Alemanha), perto de Bonn: dois esqueletos a 90 cm um do outro, um de mulher, por volta de vinte anos, e outro de homem, com quarenta ou

cinquenta, medindo respectivamente 1,55 m e 1,58 m. Estavam cobertos com grandes placas de basalto e uma tinta vermelha, espalhada sobre os esqueletos e as pedras circundantes.

Podemos reconhecer nesses vestígios, além da honra e do sacrifício, a esperança que o espírito permaneça longe, deixando os vivos em paz: os ossos das coxas invertidos, a posição agachada que recebia ataduras, e as pesadas placas de basalto.

V. O ESTILO MICROLÍTICO-CAPSITANO (c. 30.000 / 10.000 – 4.000 a.C.)

Uma confusão de movimentos populares, novas tecnologias, orientações mitológicas e formas expressivas de arte irrompem agora no cenário e estamos diante do começo de uma nova era. Surgiram o arco e a flecha, o cão de caça e uma arte de pintura rupestre cheia de pequenas figuras vivazes: arqueiros caçando e lutando, cenas rituais, dançarinos, cenas de sacrifício. Enquanto as pinturas nas cavernas representavam formas de animais de caça, aqui descobrimos uma animada dança de figuras humanas num expressivo estilo “homem-palito”, desenvolvido com senso de composição das cenas e expressão dos movimentos. E enquanto a arte das cavernas proporcionava uma atmosfera mágica, eterna, da esfera do mito, do feliz campo de caça da eternidade e dos feitos dos arquetípicos xamãs, aqui temos uma atmosfera de vida na terra e práticas rituais das comunidades existentes. Notamos que as mulheres são preeminentes nas cenas, com amplos quadris e pernas elegantemente representados e corpos flexíveis em poses graciosas. As cenas vibram com o ritmo da ação combinada dos grupos. Agora, não o xamã, mas o grupo, é o veículo do poder sagrado.

O centro desse novo estilo eram os campos gramados de caça do norte da África, onde hoje há apenas deserto, e a estação modelo é Capsa (Gafsa), na Tunísia. Dali, pode ser imaginada uma difusão para o oeste, voltando-se para o norte até a Espanha: os monumentos europeus do período estão no leste da Espanha. Mas a esfera estende-se através de todo o norte da África até o Nilo, o Jordão, a Mesopotâmia, a Índia e o Ceilão. Seu artefato característico, comumente conhecido como micrólito, é uma minúscula pederneira (pedra de sílex usada para fazer fogo) geométrica,

principalmente nas formas trapezóide, rombóide e triangular, que foi encontrada do Marrocos à cadeia de montanhas Vindhya na Índia, e da África do Sul até o norte da Europa. Em contraste com essa ampla difusão das ferramentas e armas, entretanto, os principais locais do desenvolvimento dessa arte, além dos da Espanha Oriental, estão confinados no Saara, que antigamente era um grande parque e uma terra pastoril repleta de animais de caça. Nas pinturas rupestres vemos manadas de elefantes e girafas, rinocerontes e avestruzes, macacos, animais selvagens, ovelhas e gazelas, formas humanas gigantes com cabeças de chacais ou de asnos, o leão no topo do rochedo atingido pelo sol, e também homens em postura de adoração, com os braços levantados diante de grandes touros ou diante de um carneiro erguido com a insígnia do disco solar entre os chifres.



Não sabemos praticamente nada da história inicial desta cultura; nem mesmo quão remotamente no passado ela poderia ser investigada. Mas as primeiras formas, conhecidas como capsitanas inferiores, nos levam, pelo menos parece, de volta até o Aurinhacense. A entrada na Espanha e, dali para o norte da Europa, só ocorreu por volta de 10.000 a.C., quando é denominado de várias maneiras, Capsitano Final, Tardenoisiano, Aziliano, Microlítico, Mesolítico, Protoneolítico ou Epipaleolítico.

LIMIARES MITOLÓGICOS DO NEOLÍTICO

I. A GRANDE SERPENTE DOS PRIMEIROS AGRICULTORES (c. 7.500 a.C.?)

Uma “zona de hominização”, ou seja, uma área limitada, porém suficientemente ampla da superfície da terra, de caráter relativamente uniforme, onde uma vasta população de indivíduos estreitamente relacionados foi afetada simultaneamente por uma série de transformações genéticas levou ao surgimento de uma considerável variedade de formas humanas.

Podemos estar certos de que, de uma extremidade à outra da Esfera havia uma comunicação efetiva de ideias e técnicas; lenta, de fato, de acordo com os padrões modernos – exigindo séculos em vez de segundos – porém, finalmente efetiva. Portanto, podemos pensar nessa área como um continuum no qual um estado relativamente uniforme de assuntos humanos prevaleceu e, em consequência, foi caracterizado por um estado relativamente uniforme de disposição psicológica para a recepção de uma estampagem, em decorrência de “arrebatamentos” da mesma espécie, iminentes em todas as partes que desencadearam-se num comportamento ritualizado e seu consequente mito.

O tema mitológico da serpente e da donzela (cujo simbolismo está ligado a vida eterna), muito difundido, apareceu pela primeira vez em algum lugar ao longo do arco da difusão tropical primária da África, que se estende através da Arábia e do Oriente Próximo, para a Índia, Sudeste Asiático, Indonésia, até a Melanésia.

As funções da agricultura e desse mito estão vinculadas na medida em que o mito surgiu entre os horticultores, cujo surgimento pode-se imaginar em algum momento próximo de 7.500 a.C.

Mas, como sabemos que uma mitologia da deusa já florescia antes disso – tendo-se apresentado nas estatuetas aurinhacenses, praticamente com o primeiro aparecimento do *Homo sapiens* no cenário pré-histórico – temos que reconhecer que o mito da serpente e da donzela representa apenas um desenvolvimento de uma base anterior.

Os túmulos e santuários do urso de Neandertal, nossas primeiras evidências de ritual religioso, apontam para uma tentativa de lidar com a estampagem da morte. Mas o mistério da mulher não é menos mistério que o da morte. Dar à luz não é menos mistério; tampouco o fluxo do leite materno; nem o ciclo menstrual – em sua concordância com a lua. A magia criativa do corpo feminino é um milagre em si mesma. E assim, enquanto os homens em seus ritos (como iniciados, dignitários tribais, xamãs ou o que quer que sejam) se cobriam com fantasias mágicas, a magia mais poderosa do corpo feminino é inerente à própria mulher. Em todas suas epifanias primárias, portanto, seja nas estatuetas paleolíticas ou no Neolítico, ela é caracteristicamente a deusa nua, com uma ênfase iconográfica sobre o simbolismo de sua própria forma mágica.

A mulher, como a porta mágica do outro mundo, pela qual a vida entra neste, está naturalmente em contraposição à porta da morte, pela qual a vida parte. O desempenho dos homens na caça tinha que ser apoiado pela magia de suas mulheres. Entretanto, nas regiões da Granda Caça, onde prevalecia uma psicologia masculina fundamentalmente inquebrantável, sustentada por símbolos de prestígio, façanhas hábeis e a firme instituição de um ego corajoso, o princípio feminino devia estar subordinado aos

propósitos concebidos e executados pelos homens. A deusa e suas representantes na terra podiam dar apoio mágico às difíceis tarefas dos homens, mas não mexer em seu conceito dominante acerca da vida.

Nas regiões mais amenas dos trópicos, onde predomina a agricultura, o lado feminino não era apenas auxiliar, mas podia mesmo instituir – a partir de seu próprio estilo de vida – o padrão dominante da cultura e de seu mito.

II. O NASCIMENTO DA CIVILIZAÇÃO NO ORIENTE PRÓXIMO (c. 7.500-2.500 a.C.)

O conceito de “zona mitogenética” elucidará os principais contornos da história natural dos deuses.

Denominamos o Primeiro Estágio de *Estágio de Plesiantropo*. A “zona de hominização” – a parte da terra na qual nossa espécie deu um passo adiante de seus companheiros – nós reconhecemos como nossa “zona mitogenética” primária.

A capacidade cerebral do Plesiantropo não promete muito no sentido de estimular ideias; porém, tanto os pigmóides quanto os homínídeos gigantescos daquela época devem ter reagido – como fazem todos os animais – aos estímulos sinais não apenas de seus meios, mas também de seus próprios corpos e situações sociais. Tais reações, repetidas individual e coletivamente já teriam sido um indicador para o primeiro capítulo da nossa ciência mitológica.

O Segundo Estágio, o do *Pitecantropo* (c. 400.000 a.C.), revela uma difusão bifurcada da “zona de hominização” (que era provavelmente o sul e leste da África): 1) para o norte até a Europa (*Homem de Heidelberg*) e 2) para o leste através do arco tropical até Java (*Pitecantropo*) e, então, para o norte subindo a costa do Pacífico até Pequim (*Sinantropo*).

Dois novos fenômenos surgem nesse momento, os quais parecem indicar a emergência de duas novas “zonas mitogenéticas”. O primeiro fenômeno é o desenvolvimento superior do machado sem cabo no setor oeste do arco tropical (da África para o oeste da Índia) e na Europa; o segundo, o surgimento do fogo na toca do Homem de Pequim. A mitologia e a prática ritual do machado sem cabo, que em mito e culto posteriores foram relacionados com a ideia do trovão (o martelo de Tor, o raio de Zeus), se teriam iniciado, então, no oeste, enquanto as mitologias e práticas rituais associadas com o fogo teriam surgido – com o sol – no leste.

O Terceiro Estágio, o do *Homem de Neandertal* (c. 200.000-75.000 / 25.000 a.C.), revela, na Europa Central, a mais antiga evidência fidedigna da instauração do mito e do rito: sepultamentos cerimoniais acompanhados de apetrechos e santuários de crânios de urso em picos de altas montanhas.

O Quarto Estágio, então (c. 30.000-10.000 a.C.), revela a mitologia da deusa nua e a mitologia das cavernas-templo.

As descobertas mais ricas do primeiro desses dois complexos ocorreram na Ucrânia, embora a área se estenda para o oeste até os Pirineus e para o leste até o lago Baikal. Provisoriamente, portanto, a Ucrânia pode ser designada como a zona mitogenética da deusa nua.

A segunda mitologia dessa importante era, a das grandes cavernas-templo, está definitivamente estabelecida no norte da Espanha e no sul da França – a chamada zona franco-cantábrica – e embora o culto possa ter surgido como uma forma provincial de algum ritual mascarado anterior dos terreiros de dança dos homens, desenvolvida em regiões ao sul, ela alcançou aqui um caráter e uma investidura ritual de tal força que a região tem que ser considerada como nossa primeira zona mitogenética apontada com precisão; uma mitologia cuja simbologia dos espaços labirínticos do espírito se expandiu de modo magistral, nutrindo cada uma das grandes religiões e a maioria das primitivas.

Que espécie de encontro entre a natureza e a mente essas cavernas revelam! E que força para evocar tais imagens! Pareceria que a caverna evocava, à maneira de um estímulo sinal, o coração humano insondado, e o que emanava era a primeira criação de um templo na história do mundo. Um santuário é uma coisa, um templo outra. Um santuário é um pequeno lugar para a magia ou para a intimidade com uma divindade. Um templo é a projeção no espaço terreno de um lar do mito, e até onde a história e a arqueologia conseguiram mostrar, essas cavernas-templo paleolíticas foram as primeiras realizações desse tipo, as primeiras manifestações do fato de que existe uma disposição no coração humano para a imagem sobrenatural, e na sua mente e mãos a capacidade para criá-la.

Portanto, podemos dizer que na zona mitogenética das cavernas franco-cantábricas, a expressão da arte do próprio reino mitológico foi atingida pela primeira vez na história do mundo. A partir de então, todas as catedrais e todos os templos – que não são meras casas de reunião, mas manifestações do espaço mágico de Deus – originaram-se dessas cavernas.

O Quinto Estágio é representado pelo *Capsitano*. A vasta difusão dos micrólitos (ferramentas líticas de tamanho extremamente pequeno, talhados, sendo relacionados com armas de caça, pois formavam parte da ponta de lanças), do Marrocos ao Ceilão e da África do Sul ao norte da Europa, traça o horizonte dessa nova influência. Mas um centro muito mais limitado de força criativa é indicado pela distribuição das obras de arte do período, cujos principais centros estão no norte da África e no leste da Espanha – porém com ecos de difusão para o sul até o Cabo e para leste até aquelas regiões que em breve se tornariam as matrizes da próxima grande transformação mitopoética. Na sua passagem do norte para o sul, a tradição paleolítica renunciou à tarefa de projetar reinos mágicos. Em lugar disso, ela agora apresenta as cenas terrenas – cotidianas. Vemos o exterior, não muito o interior, daquele período há muito esquecido do desenvolvimento espiritual e físico da espécie humana.

Mas, nesta arte estamos à beira de uma prodigiosa transformação, por certo a mais importante na história do mundo. Pois entre os animais representados podemos identificar precisamente os tipos de gado e carneiros que estão prestes a surgir como os animais domesticados no Neolítico.

Em termos mais amplos, o apogeu da fase capsitana do estágio Epipaleolítico, Mesolítico, Protoneolítico de desenvolvimento (seja como for que se prefira chamá-lo), pode ser associado com uma época por volta de 10.000 a.C.

Podemos imaginar que no início os rebanhos eram seguidos pelos caçadores, exatamente como aconteceu com os bisontes das planícies norte-americanas, e o primeiro passo em direção à domesticação pode ter sido dado quando – como às vezes ocorria nas planícies – um grupo de caçadores permanecia próximo de um único rebanho por algum tempo, como se ele fosse uma espécie de despensa viva, afastando estranhos que desejassem roubá-lo e abatendo apenas alguns animais do rebanho de vez em quando. A partir do momento em que a possibilidade de capturar um rebanho despontou em alguma mente esperta – ou em várias mentes – a ideia se espalhou como o fogo de um extremo ao outro – do mesmo modo como, no arco tropical, deve ter-se difundido a ideia de cultivar plantas.

O Sexto Estágio, o *nascimento da civilização no Oriente Próximo*. A zona mitogenética é “o Crescente Fértil” e suas montanhas laterais, do Nilo, subindo a costa até a Síria e, então, descendo até o golfo Pérsico. E as fases do desenvolvimento, esboçadas em linhas gerais, são quatro:

1. A *Protoneolítica* (c. 7.500-5.500 a.C.), a fase dos natufianos, que agora pode ser descrita como um progresso da capsitana, com a promissora e altamente significativa colheita de grãos ou capim que se somara às provisões da caça. Não sabemos se uma plantação precedera a colheita e tampouco se os animais mortos já eram domesticados.

Mas se os natufianos não estavam domesticando, estavam, contudo, abatendo o porco, a cabra, a ovelha, o boi e um equídeo de alguma espécie, os mesmos animais que mais tarde constituiriam o rebanho doméstico básico de todas as culturas superiores. E se eles não estavam plantando, estavam, entretanto, colhendo uma variedade de grãos silvestres ou primitivos.

2. O *Neolítico Basal* (c. 5.500-4.500 a.C.), quando os fundamentos de uma bem assentada economia agropecuária baseada no cultivo de grãos e na criação de gado já constituíam um padrão solidamente estabelecido, e o novo estilo de vida de aldeia já tinha começado a difundir-se desde a zona primária. Os principais cereais eram o trigo e a cevada e os animais domesticados eram o porco, a cabra, a ovelha e o boi – o cão já fazia parte das tribos humanas, como companheiro de caça, desde os tempos do período Capsitano. A cerâmica e a tecelagem tinham sido acrescentadas ao conjunto das habilidades humanas e também as artes da carpintaria e construção de casas. E então, subitamente – muito subitamente – a evidência de um novo grande salto para a frente surge na cerâmica, na cerâmica finamente modelada e belamente pintada da fase seguinte:

3. O *Neolítico Superior* (c.4.500-3.500 a.C.), quando aparecem os desenhos geometricamente organizados dos estilos de cerâmica de Halaf, Samarra e Obeid. Esse tipo de organização geométrica do espaço era uma coisa nova no mundo da época e seu aparecimento levanta um problema psicológico. Por que, exatamente quando surgiu um novo estilo de vida de aldeia, surgiu também uma arte de formas abstratas geometricamente organizadas? A resposta, pode-se pensar, é que no período das sociedades de caça anteriores não havia diferenciação das funções sociais, a não ser de acordo com o sexo e a idade – cada indivíduo era tecnicamente um mestre de toda a herança cultural e as comunidades, portanto, eram constituídas de indivíduos praticamente equivalentes – enquanto isso, nas comunidades maiores e mais diferenciadas do Neolítico Superior, já se havia iniciado a tendência para a especialização, que no período seguinte atingiria seu apogeu.

Nos estilos de cerâmica desse período aparecem vários símbolos. Na cerâmica no estilo Halaf não são exatamente os mesmos do estilo Samarra. A conclusão óbvia a ser tirada é que uma série de sistemas mitológicos foram sintetizados e sincretizados.

4. Na *época da cidade-estado hierática* (3.500-2.500 a.C.), os traços culturais básicos de todas as civilizações avançadas que floresceram a partir de então (escrita, roda, calendário, matemática, realeza, sacerdócio, um sistema de cobrança de impostos, contabilidade, etc.) emergiram subitamente, acabando com a pré-história e fazendo surgir a era letrada. Agora, toda a cidade, e não apenas o recinto do templo, é concebido como uma imitação na terra da ordem cósmica, quando uma sociedade de especialistas, altamente diferenciada e complexamente organizada, abrangendo as classes dos sacerdotes, guerreiros, mercadores e camponeses, é encontrada governando todos os assuntos, tanto seculares quanto especificamente religiosos, de acordo com uma nova concepção matemática, inspirada na astronomia, de uma espécie de consonância mágica, unindo em perfeita harmonia o universo (macrocosmos), a sociedade (mesocosmos) e o indivíduo (microcosmos). Imagina-se um pacto natural entre as questões terrenas, celestes e pessoais. Há uma lei, um rei, um Estado e um universo.

CONCLUSÃO

A FUNÇÃO DO MITO

I. AS IMAGENS LOCAIS E O CAMINHO UNIVERSAL

Dois aspectos de toda tradição ritual são reconhecidos no pensamento indiano e eles correspondem às “ideias elementares” (*Elementargedanke*) e às “ideias étnicas” (*Völkergedanke*) segundo Adolph Bastien. É bom lembrar que, para Bastien, as ideias elementares jamais são vivenciadas diretamente, em estado puro, abstraídas das ideias étnicas localmente condicionadas, pelas quais elas são substancializadas, mas, como a imagem do próprio homem, são conhecidas apenas por meio de uma rica variedade de suas inflexões no panorama da vida humana. Podemos, portanto, considerar qualquer mito ou rito como uma pista para o que pode ser permanente ou universal na natureza humana (nesse caso, nossa ênfase será psicológica, ou talvez mesmo metafísica) ou, por outro lado, como uma função do cenário local – a paisagem, a história e a sociologia do povo em questão – nesse caso, nossa abordagem será etnológica ou histórica. Os termos indianos correspondentes para designar esses dois aspectos da mitologia e do rito, são respectivamente *mārga*, que significa “caminho” ou “maneira”, o caminho ou maneira para a descoberta do universal, e *desi* (pronuncia-se “deixi”), “do regional, local ou étnico”, o aspecto peculiar, doutrinário ou histórico de qualquer culto, através do qual um povo, uma nação ou uma civilização se organizam.

O santo e sábio do século XIX, Ramakrishna, enfatizou a orientação psicológica – em oposição à etnológica – quando falou da unidade última de todas as religiões:

“Deus criou diferentes religiões para servir a diferentes aspirantes, épocas e países. Todas as doutrinas são apenas outros tantos caminhos; mas um caminho não é de maneira alguma o próprio Deus. De fato, pode-se alcançar Deus quando se segue qualquer um dos caminhos com devoção sincera. Sem dúvida, vocês já ouviram a história do camaleão. Um homem entrou no bosque e viu um camaleão numa árvore. Ele contou a seus amigos: “Vi um lagarto vermelho”. Ele estava totalmente convencido de que era apenas vermelho. Outra pessoa, depois de ter visto a árvore disse: “Eu vi um lagarto verde”. Ela estava totalmente convencida de que era apenas verde. Mas o homem que vivia embaixo da árvore disse: “O que vocês dois disseram é verdade. Mas o fato é que essa criatura é por vezes vermelha e por vezes verde, às vezes amarela e às vezes não tem nenhuma cor”.

Todo estudioso de mitologia comparada sabe quando a mente ortodoxa fala e escreve sobre Deus, as nações se separam; o *desi*, o aspecto histórico, local e ético do símbolo cultuado, é tomado com absoluta rigidez e o camaleão é verde, não vermelho. Ao passo que quando os místicos falam – não importa qual o seu *desi* – suas palavras convergem num sentido profundo, e as nações também. Os nomes de Siva, Alá, Buda e Cristo perdem a força histórica e se unem como indicadores adequados de um caminho (*mārga*), que todos precisam percorrer se quiserem transcender suas faculdades e limitações determinadas pelo tempo e pela geografia.

II. OS VÍNCULOS DE AMOR, PODER E VIRTUDE

Na filosofia clássica indiana, faz-se uma distinção entre os propósitos para os quais os homens se esforçam no mundo e o objetivo de absoluta libertação desses propósitos. Os propósitos que os homens procuram alcançar no mundo são três – nem mais nem menos: amor e prazer (*kāma*), poder e sucesso (*artha*) e ordem legal e virtude moral (*dharma*).

Em todos os sistemas arcaicos, a mitologia de uma harmonia natural coordenando a espécie humana e o universo inculuiu sua força nas várias ordens sociais, de maneira que a total interação dos três sistemas de interesse mutuamente antagônicos do *kāma*, *artha* e *dharma* foi suavizada, embelezada e significativamente enriquecida pela atuação de um quarto princípio, o do espanto da mente diante do reconhecimento do mistério do mundo, o qual habita e sempre habitou a mitologia.

III. A LIBERTAÇÃO DO VÍNCULO

A mitologia – e portanto a civilização – é uma imagem poética supranormal concebida, como toda a poesia, em profundidade, mas suscetível de interpretação em vários níveis. A mente humana, em sua polaridade entre o modo masculino e feminino de vivenciar, em suas passagens da infância para a vida adulta e velhice, em sua rigidez e sensibilidade e em seu contínuo diálogo com o mundo, é a zona mitogenética primordial – a criadora e destruidora, a escrava e, no entanto, a senhora de todos os deuses.

Fonte bibliográfica:

CAMPBELL, Joseph. **AS MÁSCARAS DE DEUS. MITOLOGIA PRIMITIVA.** Palas Athena Editora. São Paulo, 2014.